

GIL FOX



O CUPIDO

Bebeu

ATIROU A FLECHA NA PESSOA ERRADA



GIL FOX



O CUPIDO BEBEU

Atirou a flecha na pessoa errada



São Paulo
2018

CIP – Brasil. Catalogação na Fonte

Catalogação pela editora.

Capa:Adriana Eloy

Diagramação: Daniella Moreno

Revisão: Clara Taveira & Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu)

Fox791c Fox, Gil
O cupido bebeu /Gil Fox. São Paulo: Livros Prontos Editora, 2018.
Biografia
1. Romance Brasileiro. I Título.
CDD B869.93

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Quaisquer semelhanças com

nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora e Editora.

Criado no Brasil

Table of Contents

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)



NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Olá.

Você quer conhecer um fato curioso sobre o livro?

Este livro é baseado em fatos reais: a Chay, a Mônica e o Eduardo realmente existem, não com esses nomes e talvez não do modo louco como foi retratado. Essa história começou com uma mensagem de uma amiga para outra. Na vida real, tudo ficou um pouco bagunçado e não teve o mesmo fim que a história ficcional, tendo em vista que infelizmente Quim não existe. Porém eu me diverti escrevendo cada linha e ri muito em todo o processo, então espero que gostem tanto quanto eu.

Para Lims, muito obrigada por sempre estar ao meu lado, me incentivando a escrever. Espero que o seu Duuu ou um outro loiro apareça na sua vida e te faça esquecer o passado. Sempre estarei aqui para você, minha amiga docinho estragado. Te adoro gata.

Se você está lendo este livro em PDF, não se preocupe, não vou te processar, mas fique sabendo que é crime. Sabe como você pode me ajudar? Indo até a página da Amazon, procurando por Gil Fox e avaliando o meu trabalho. Deixe sua estrelinha, seu comentário – pode ser crítica, amo críticas, me fazem crescer como autora.

Ah! Vamos bater um papo. Você pode me procurar no Facebook ou no meu Gmail: v.g.s.fox

Beijos, meus amores!



CAPÍTULO 1

Sinceramente, eu acho um absurdo ter que aguentar o cheiro de asa logo pela manhã. Sério, gente, qual o problema de tomar um *banhozinho* cedinho antes de pegar o metrô? Na minha frente, um senhor careca, aparentemente com uns quarenta e tantos anos e com aquela barriguinha de chope, segurava no apoio de mãos do metrô, o braço erguido, fazendo o odor vir em nuvens para cima de mim. Será que se abrir discretamente minha bolsa, puxar o meu Geovanna Baby e borrifar no cidadão, vou ser muito ou pouco aplaudida?

Mas a culpa é minha, toda minha, por ficar mais cinco minutos na cama, ou vinte cinco talvez, com preguiça de levantar e vir trabalhar. O resultado da minha folga foi ter pego a maldita linha azul do metrô completamente cheia – não dá nem para se mexer – e ter que sentir a catinga do cidadão.

Finalmente a moça fanha do metrô anunciou a estação Ana Rosa, local em que eu trocaria para a linha verde, que me levaria até a Paulista, onde fica meu trabalho, localizado em um conjunto de escritórios que abriga uma administradora de condomínios. Sou a TI (*Tecnologia da Informação*) do local, mais conhecida como a garota que conserta computadores. Mano, que raiva me dá quando escuto isso, principalmente vindo da boquinha linda e desprezível de Quim, chefe da porcaria toda. Acima dele, só o dono da empresa, que nunca vi na vida. Não é meu chefe, porque sou terceirizada, porém isso não me dá direito de mandar o cara para

aquele lugar onde o sol não bate, pois ele tinha o poder de pedir ao meu chefe real para me realocar.

Assim que me lancei do vagão e comecei a subir as escadas para a linha verde, senti meu celular vibrar entre meus seios, um lugar estratégico para guardá-lo e não ser roubada. Olhei para o ícone de alerta de mensagem do Telegram, desbloqueei a tela e vi que Mônica deixou um recado.

Fiquei um mês de férias e voltei para casa dos meus pais. Resultado: fazia um mês que Mônica e eu não nos víamos. Estava com tanta saudade daquela louca, quer dizer, daquele anjinho. Revirei os olhos, ela adorava dizer que era um anjinho, e eu gostava mais ainda de falar que Lúcifer também era um anjo.

Conheci Mônica na internet, nós duas gostamos muito de livros e acabamos nos tornando amigas. E por uma daquelas coincidências estranhas da vida, acabamos trabalhando no mesmo lugar.

Sua mensagem apenas dizia:

Com toda a sinceridade do mundo: como você me definiria?

Parei para olhar o celular por uns instantes e tentei pensar bem no que iria dizer. Não sou boa com definições. Tipo, conheço a Mônica há uns dois ou três anos, e tudo foi como um encontro de almas entre nós duas. A minha não tão loucura combinou com a não tão *angelicagem* dela – acabei de inventar uma palavra para o ato de ser um anjo.

Enfim, era como se fôssemos irmãs gêmeas de mães diferentes e idades diferentes. Mônica tinha uns três anos a menos do que eu. Também somos de cores diferentes: enquanto ela é branca, eu sou preta – isso mesmo, sou preta. Depois que vi o vídeo de um angolano expressando como o termo negro é negativo, passei a me considerar preta. Foda-se, sociedade, se minha amiga pode ser branca, eu posso ser preta e acabou.

Voltando para Mônica, ela tem cabelos lisos, e, eu, bem, uma linda mata que cresce para todos os lados. Todavia, somos irmãs gêmeas, e

quem disser o oposto, eu mostro o dedo do meio e mando ir para a casa do Pedrinho, já que estou diminuindo a quantidade de palavrões que falo.

Como precisava responder a mensagem, escrevi para ela:

Em uma palavra?

Cativante.

Você tem algo que faz com que as pessoas queiram ficar perto de você.

Simpática.

Quando você tem razão, expressa de uma maneira meiga.

Teimosa.

Quer fazer as coisas do seu jeito.

Sincera.

Você tem uma sinceridade refrescante.

Autêntica.

Você não segue tendência. Acredito que por causa da teimosia, você faz, veste e gosta do que quer, mas não porque é moda.

Ai, sei lá, Mônica, você é um misto de coisas, como qualquer ser humano. Como diz a música: complicada e perfeitinha. Agora diz quem é que tá te enchendo o saco, para que eu vá até aí quebrar a cara.”

Eu costumava colocar medo em algumas pessoas, principalmente nos caras, por ter um metro e oitenta e três de altura. E alguns quilinhos a mais. Odeio academia e adoraria matar quem inventou essa bosta. Sendo assim, tinha muita presença, tanto física quanto espiritualmente.

A resposta de Mônica veio em sequência:

Quase fiquei vermelha. Quaseeeeeee. Obrigada pelas palavras.

Mas a minha definição atual é arrogante e esnobe. Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

É, alguém ganharia minhas impressões digitais na cara. Em vez de descer na estação Trianon-Masp, descii na Brigadeiro, pois sabia que ia dar de cara com uma loja da Starbucks. Depois dessa resposta de Mônica, ela precisaria de uma dose de açúcar. Conhecia bem a minha amiga, nesse

ponto éramos iguais: sempre que ficávamos chateadas, nos deliciávamos com alguma coisa bem doce ou gordurosa ou com algo que seja os dois ao mesmo tempo.

Claro que fui para a saída errada ao chegar na estação e, quando cheguei na rua, estava do outro lado da Paulista. Tive que atravessar a avenida e quase ser atropelada por uma bicicleta na ciclofaixa para chegar à cafeteria. Depois de altos xingamentos de ambos os lados, finalmente entrei no santuário da felicidade. Pedi dois moccas com dose extra de cobertura e muffins de chocolate, um bolinho para cada uma como acompanhamento. Saí com os meus preciosos itens e caminhei até o prédio onde ficava a administração.

Depois de quase derrubar tudo ao passar na catraca – obviamente esqueci de tirar da mochila gigante que levava nas costas. Juro que eu parecia uma tartaruga ninja por causa das tranqueiras que levava na bolsa –, cheguei no elevador.

Meu começo de dia não estaria tão ferrado se o idiota e delicioso do Quim não viesse com alguma piadinha. Por que Deus mandou ele para me tentar? Sério, sabe aquele mandamento de amar o próximo e aquele outro, “não matarás”? Pois é, eram as minhas metas da vida quando o assunto era Joaquim.

— Primeiro dia de retorno ao trabalho e já atrasada, Charlene? – Ele era o único desgraçado que me chamava pelo meu maldito nome. Juro que se tivesse dinheiro e a minha mãe estivesse morta, trocaria o meu nome. Claro que torcia para que meu primeiro desejo acontecesse e o último, nunca. Minha mãezinha tinha o gosto horrível para nomes, mas era incrível.

— Bom dia para você também, Joaquim. – Já que ele iria falar meu nome inteiro, falaria o dele também. Apertei o número do nosso andar no painel, o décimo oitavo, e me perguntei: por que Deus estava também testando a minha paciência? Subir todos aqueles andares e naquela hora da manhã era um teste de paciência, já que a probabilidade de parar em todos os andares é muito alta. Encostei, ao lado de Joaquim, no fundo do elevador, esperando a multidão de gente entrar.

— Como está seu dia? A propósito, eu estou muito bem, minhas férias foram incríveis. — Mostrei a língua para ele, vi o rolar de olhos que me deu e o ignorei. Ambos ficamos quietos. Acho que tinha mais umas oito pessoas no elevador e cada uma desceu em um andar diferente.

Enquanto isso, fui responder à mensagem da Mônica:

Chay: *“Esnobe não: seletiva. Arrogância todo mundo tem um pouco, ainda mais se você sabe algo”.*

Mônica: *“A pessoa não sabe trabalhar. A gente tem que passar por essa. Sempre tentei mostrar o caminho da melhor forma. Arrogância é diferente de ter orgulho de saber e ser o melhor... O cara falou de um jeito como se eu tivesse sido a pior pessoa que ele cruzou na vida. Não que eu ligue pra ele. Mas, sei lá”.*

— Agora que você está de volta, precisa arrumar um computador para o Du. Espero isso para antes do almoço. — Quim disse, tirando minha atenção do celular.

Levantei os meus olhos e encarei o ruivo lindo ao meu lado. Sério. Não é justo o cara ter aquela cor de cabelo natural, olhos verdes, ser mais alto do que eu — isso é, tipo, muito difícil —, ter músculos nos lugares certos (aposto que ele tem um pacotinho de seis por debaixo da roupa de engomadinho dele, tipo, seis perfeitos gominhos no abdômen sarado dele) e cheirar muito bem.

— Quem é Du? — Perguntei quando saímos do elevador em nosso andar.

Não existia nada melhor que um homem cheiroso! O cara poderia até ser feio, porém deveria estar sempre limpinho e ter boa conversa. Não era o caso de Quim, em minha opinião, com aquele rosto quadrado, semblante fechado, ou seja, cara de homem mesmo, que te pega gostoso, cheiroso sempre com a barba bem-feita. Ele não seria nenhum modelo ou ator de novela, mas, para mim, era um gato.

— Eduardo, o novo engenheiro.

A empresa para qual trabalhamos, além de administrar prédios prontos, administrava obras em andamento. Fazíamos tudo, desde contratar pessoal até instalação de equipamentos de segurança. Por isso eu tinha um emprego lá: sempre alguém precisava de um TI, e como oferecíamos serviço para diversos lugares, isso me garantia um posto fixo.

— Esse não conheço ainda.

Quim passou o cartão para liberar o nosso acesso e, todo cavalheiro, me deixou passar primeiro. Observei a foto dele no cartão, que também era um crachá. Ela não tinha ficado feia como a minha, e mais uma vez vi como o mundo era injusto.

— Faça o que eu pedi até o almoço.

Revirei os olhos mentalmente mil vezes e mordi a língua para não dar uma resposta espertinha para ele. Quim andou pelo corredor que dava acesso às salas de trabalho, mas antes de passar por outra porta, ele virou para mim com cara de interrogação. Era isso, ou ele estava com vontade de ir no banheiro, nunca se sabe.

— O que você fez com seu cabelo?

Peguei uma trança solta e olhei para ela, dando um pequeno sorriso. Recentemente, eu havia resolvido mudar um pouquinho: em vez de deixar meu cabelo livre, leve e solto e todo black, fiz tranças nagô (*Tranças Nagô, box braids ou canecalon são tranças feitas com material sintético.*) coloridas. As pontas da trança estavam azuis. Eu achei o máximo o novo visual, não precisava me preocupar em acordar cedo e pentear cabelo, os produtos reduziram de cinco ou seis para apenas xampu anticaspa e tranças me possibilitavam dormir mais de manhã – cabelo afro dá um trabalhão. Para completar, eu estava gata.

— Mudança de visual.

— Eu gostava mais do outro jeito. — Dito isso, ele entrou.

Mas que porra eu faria agora, além de ficar com a boca aberta que nem um peixe-boi? Gente: o Quim reparava em mim a ponto de perceber que mudei o meu cabelo! Tudo bem, a mudança foi bem radical e qualquer um poderia perceber, todavia ele nunca tinha falado nada sobre mim.

Dei uma olhada no visual. A partir daquele momento, decidi que iria melhorar as roupinhas também... Ou não. Eu adorava dormir mais tempo e praticamente me jogava dentro do guarda-roupas e saía de qualquer jeito.



CAPÍTULO 2

Caminhei tranquilamente pelo corredor, avistando as diversas baias com todo tipo de gente trabalhando. Toda parte contábil, compras de materiais e qualquer chatice referente a administrar prédios acontecia lá. Meu destino era o mesmo do Quim: ir até a mesa de Mônica. Aguardei ele terminar de conversar com a minha amiga – o chato estava pedindo um relatório qualquer para ser entregue até o almoço. Acho que o cara tinha fixação por comida, só pode, tudo era para a hora do almoço.

Depois de sua partida, fiquei babando na bundinha apertada dele dentro das calças sociais. Gente, daria tudo para dar um beliscão nela.

— Minha Nossa Senhora da Bicicletinha! – Mônica gritou ao me ver. – O que você fez com seu cabelo?

Dei uma jogadinha de cabelo para o lado, balançando as trancinhas.

— Gostou? – Apesar de não ligar muito para a opinião das pessoas sobre meu modo de agir, vestir ou qualquer coisa, a Mônica não era qualquer pessoa. Eu levava muito em consideração a opinião dela.

— Amei, são tão lindas. – Mônica disse, e eu deixei minha carga preciosa, meu café, em cima da mesa e fui dar um senhor abraço na minha anjinha louca. – Que saudades!

— Eu não sou católica, mas acho que não existe nenhuma Nossa Senhora da Bicletinha, não... — Brinquei e ri, atraindo a atenção do povo do escritório. — Vamos até o refeitório colocar o papo em dia.

— Preciso fazer um relatório para o Quim...

— E eu tenho que aprontar um PC - (*Personal Computer, em português, computador pessoal seria um laptop ou notebook.*) - para ele até o almoço. — Cortei. Peguei a minha preciosa carga e mostrei. — Vamos para o refeitório, e se Quim falar algo, mande ele dar meia hora de bundinha na praia. — Dei meu melhor sorriso para ela. Aquela frase era da minha mãe, que, como morava em região litorânea, vivia falando isso.

Mônica caiu na gargalhada, e fomos para o refeitório do outro lado do prédio. Não tinha ninguém na pequena cozinha, já que nós, pobres mortais, não tínhamos dinheiro para pagar trinta *mangos* em uma refeição na Paulista – meu vale-refeição era só de dezenove reais).

— Quero saber como foram as suas férias. — Mônica disse, e sentamos uma de frente para outra. Entreguei um dos copos com o nome dela e o bolinho, e depois fui abrir o meu café e colocar um pacotinho de açúcar. Sei que já tinha todo o chantilly, mas gostava de todas as bebidas bem docinhas.

— Nada disso. — Dei um golinho na bebida quente e quase gemi de contentamento. Nada era melhor que começar o dia com a cafeína no organismo. — Vamos falar no idiota que vou plantar a mão na cara quando conhecer.

Mônica deu de ombros antes de dar uma mordida generosa na iguaria que trouxe para ela. Só de olhar para sua cara, já sabia que tinha ficado muito sentida com o que ouviu.

— Ele é o novo engenheiro contratado. — Mônica brincou com o copo que estava em sua mão, e eu quase arranquei dela, pois minha adorável amiga era o desastre em pessoa, a chance de ela derrubar o líquido quente em si mesma deveria ser de uns cinquenta por cento.

— Ah! O tal de Du. — Fiz cara de nojo. Nem conhecia o sujeito e já o detestava. — Quim pediu para aprontar um PC para ele.

— *Mano*. O cara que ficou no seu lugar era um paspalho. — Mônica pegou em minha mão e fez uma cara triste. — Tenho pena de você, vai ter um monte de coisa para fazer.

Passei as minhas mãos pelo rosto e tentei contar até dez. Quando soube quem cobriria as minhas férias, quase desisti de sair aqueles dias.

— Já até imagino. — Devido ao grande número de funcionários, os donos da empresa de engenharia contrataram o serviço da empresa para qual eu trabalho. Assim eles teriam uma pessoa de TI para cuidar de tudo. Isso inclui as máquinas, impressoras, toda a parte de cabeamento, etc, etc, etc. — Sobre o *Duuuu*. — Alonguei a sílaba para demonstrar o meu desprezo.

— Ah! Sei lá. — Mônica se concentrou no copo em sua frente. — Ele falou de um jeito como se eu fosse ruim. Nós não nos demos bem desde o primeiro dia.

Deu para perceber que toda aquela situação mexeu muito com ela. Mônica era como eu, não se importava muito com o que os outros falavam, porém, lá no fundo, sempre algo nos tocava. Por exemplo, os comentários maldosos ou toques sobre nosso peso. Por mais que nossa autoestima fosse lá em cima, éramos humanas. Então, como toda boa amiga, fui em sua defesa quando soube do que aquele cara fizera.

— Quando eu o ver, vou falar para ele parar de *frescagem* e virar homem. Vou usar toda minha magnificência e lhe avisar gentilmente que, da próxima vez, meto a mão na cara dele.

— Meu Deus, só você. — Ela caiu na gargalhada. *Isso aí, Chay, objetivo concluído, fiz ela rir e tirar a carinha de tristeza.*

Mônica era linda, linda mesmo. Tinha um rosto delicado de princesa da Disney, caso as princesas fossem mais cheinhas — sempre me perguntei por que não tínhamos princesas gordinhas. Ao menos estávamos progredindo, já tínhamos uma preta. Voltando para a minha amiga, ela tem

a pele clara, olhos claros risonhos, cabelos castanhos que iam até o meio das costas, era um pouco mais baixa que eu, acho que beirava a um metro e setenta e cinco, porém estava acima da média nacional. Muito bem maquiada, no passado foi modelo *plus size*. Enfim, linda.

— Não se preocupa, vou colocar um malware no PC dele que vai roubar suas senhas. Aí vou entrar na conta dele do Facebook e trocar seu nome para: “Eu tenho o pau pequeno”. – Mônica quase cuspiu todo o café na minha cara. Ofereci um dos guardanapos que vieram junto com o bolinho para ela.

— Você não faria isso. – Ela afirmou e não perguntou.

— Claro que não. Porque não sou uma *hacker* e não sei mexer com essas paradinhas aí. – Dei de ombros. – Mas eu talvez conheça um cara que conhece um cara que mexe com isso.

— Jesus, Chay. Ainda bem que somos amigas.

— Falando sério. – Coloquei os meus cotovelos em cima da mesa e olhei para ela. – Eu acho que ele só falou isso porque é gay e ficou com inveja do seu modelito. – Ela estava usando uma saia lápis de risca de giz e uma blusa creme com vários acessórios combinando. – Ou quer te comer e está agindo como um babaca, tipo os garotos dos filmes americanos que agem estupidamente para chamar a atenção.

Mônica ia responder, quando a porta da cozinha abriu e por ela passou o gostosão do Quim e mais um outro cara. Olhei bem para o moreno e pensei que até que o homem era bonitinho, não um Reynaldo Gianecchini da vida, bem longe disso. Entretanto, tinha presença, um quê a mais. Não tão alto como o ruivo, não tão moreno como eu, estava mais para um branco bronzeado. Não tão forte como o delícia do lado dele, mas também não era gordo.

— Charlene, o computador. – Quim ficava tão mais bonito com a boca fechada, qual a necessidade de falar o meu nome inteiro?

— Trabalhadores de jornada de oito horas têm direito a uma pausa de uma hora para refeição e outras duas pausas de quinze minutos para um intervalo de descanso. — Apontei para o meu café. — Você pediu até a hora do almoço, e vou ver se isso é possível assim que chegar no meu escritório. — Que na verdade era um cubículo cheio de peças de diversas máquinas, umas boas, outras ruins, e que não tinha espaço para me mover dentro dele.

— Você é a menina dos computadores? — O moreno também perdeu a oportunidade de ficar com a boquinha fechada. Que raiva, cinco anos na faculdade, mais um ano e meio de especialização e duas certificações técnicas para ser chamada da menina dos computadores.

— Você é quem mesmo? — Levantei a sobrancelha, questionando.

— Sou Eduardo, o...

— Ah! O pedreiro novo. — Cortei ele. Adorei vê-lo ficando todo vermelho. Que os pedreiros me desculpem pela comparação ruim, porque sei que tem cara que nem terminou a escola e manda muito bem em construção, porém não poderia deixar essa passar. — Não se preocupa, vou aprontar o seu computador o mais rápido possível. — Levantei da mesa e guardei a metade do meu muffin de volta ao saquinho. Virei para Mônica e disse: — Garota, não seja esnobe e me espere para o almoço.

Conhecia muito bem minha amiga para saber que ela estava segurando o riso. Mônica concordou com a cabeça, e pude ver um brilho de travessura no olhar. Dei uma piscadinha e me virei para a porta.

— Vocês vão ficar como um dois de pau aí, na minha frente?

Os meninos foram cada um para um lado, me dando passagem, e eu fiz questão de passar com o nariz arrebitado. Acho que minhas tranças bateram no peito de Quim.

Escutei o tal de *Duuu* falando com Quim delícia:

— Nossa, ela é sempre assim? – Causei uma ótima impressão no engenheiro novo.

— Não. – Essa era a voz de Mônica. – Ela está de bom humor hoje. Mas não se preocupe, quando você precisar, ela não vai te esnobar. – Coloquei a mão na boca para impedir que o riso saísse descontrolado. *Essa é minha garota.*

Entrei em minha sala e tive vontade de sair gritando nua pela Paulista. O idiota do cara que ficou em meu lugar badernou tudo, a desordem era geral. Tinha CPU's abertas na pequena bancada, teclados e monitores no chão, caixas de comida na mesa, uma zona total. Deixei minhas coisas na cadeira e comecei a abrir espaço para trabalhar na máquina do Du.

O antigo dono não tinha deixado a senha, então comecei o processo de quebrar a codificação. Enquanto isso, ia colocando ordem naquela bagunça toda. Estava guardando o último mouse solto dentro da caixa destinada a eles, quando senti um rastejar em minha linda mãozinha. Quando olho para ela, vi uma gigantesca barata olhando de volta para mim. Não me importo se isso não é possível, ela estava olhando para mim, sim.

Dei um berro. Acho que o pessoal doido que corria no parque Ibirapuera deve ter escutado. Segundos depois, a porta abriu e Quim apareceu e me pegou pulando e sacudindo a mão como uma louca.

— O que está acontecendo?

Andei até ele e aponte para caixa.

— Um monstro. – Corri para trás dele, acenando freneticamente com a mão que foi violentada pela barata.

— Um o quê? – Se eu não tivesse com tanto asco daquele bicho, teria achado bonitinho a cara de espanto dele.

— Uma barata monstruosa. – Olhei para ele.

— Todo este escândalo por causa de uma barata? – Revirei os olhos para ele. Quim estava tirando uma com minha cara, só pode. Ele não via a monstruosidade que estava a ponto de nos atacar?

— Juro que ela usa anabolizante.

— Meu Deus! Eu não escutei isso. – Quim caminhou até a caixa onde estava o monstro. – Está aqui? – Na hora que ele perguntou, a criatura maligna saía dos infernos voou e grudou na linda camisa de seda azul-escuro que combinava com seus olhos lindos.

O ruivo tomou um susto tão grande que começou a espantar o bicho da roupa todo agitado. De repente, quem estava pulando era ele. Encostei na porta, tomando o máximo de distância possível do demônio, e dei um lindo sorriso angelical.

— Todo mundo é macho até que a barata voa.



CAPÍTULO 3

Joguei-me ao lado da cadeira onde Mônica estava sentada. Quim foi chamar a manutenção do prédio para jogar veneno ou qualquer coisa para espantar as baratas que poderiam estar no meu cubículo. Claro que ele só fez isso depois que o ameacei processá-lo por me manter em um ambiente insalubre. Isso, e o lance de hackear o computador dele e trocar o nome dele por “*Eu sou um bubbaloo*” - (*Bubballo é uma marca de chiclete*) - Ele ficou com a cara de, tipo assim, *que merda essa garota tá falando?* Aí apontei para o cabelo acobreado dele e ele riu.

Gente, como o idiota fica lindo rindo. Acho que nunca tinha percebido isso, ele é tão sério sempre.

— Estou impossibilitada de trabalhar no meu cafofo. – Conte para Mônica, suspirando pesadamente. Um calafrio subiu pela minha espinha quando pensei no que mais poderia ter na minha salinha querida.

— O que houve? – Minha amiga nem se deu ao trabalho de olhar para o meu rosto, continuou a digitar seja lá o que ela estava digitando em seu computador.

— Tem um monstro no meu armário. – Peguei o PC do *Duuuuu* e comecei a mexer nele. Felizmente, era um notebook.

— Como é? – Mônica virou para mim, espantada.

— Uma barata voadora. – Se tem alguém que compartilha comigo o horror daqueles bichos, essa é a Mônica.

— Seja bem-vinda ao meu cafofo. – Ela sorriu. Nós duas começamos a trabalhar em nossos serviços enquanto eu ia contando sobre as minhas férias tediosas na praia próxima ao local em que meus pais moravam.

Antes de sairmos para almoçar no refeitório, Mônica entregou o relatório para o *Bubbaloo* e eu não encontrei o *Duuuu* para entregar o seu notebook.

— Queria tanto um chocolate agora... – Disse a ela enquanto retornávamos para sua mesa.

— Eu também, mais precisamente um *shot* de chocolate branco.

Paramos de rir quando o *Duuuu* – algum dia vou chamá-lo assim pessoalmente sem querer, se não parar – veio ao nosso encontro com uma caixinha nas mãos. Só pelo formato, eu já sabia de onde era.

— Mônica. – Ele a chamou. Paramos em frente a ele, que estendeu uma caixinha em sua direção. Olhei por cima do seu ombro enquanto ela abria a embalagem. Dentro havia um pedaço de bolo veludo vermelho, que me fez salivar. – Para você.

— A esnobe prefere bolo de chocolate. – Mônica disse e saiu andando, deixando o *Duuu* de boca aberta e eu tentando não me engasgar com a risada que estava prendendo.

— Sabe, cara – parei e dei um tapinha nas costas dele –, você perdeu a oportunidade de ficar com a boca calada. Agora vai ter que ralar muito para me conquistar.

— Conquistar você? – *Duuu* me olhou de cima a baixo, me avaliando. Levantei a sobrancelha e o encarei, desafiando a falar qualquer

coisa sobre o meu lindo corpinho.

— Se você vai querer algo com a minha amiga, primeiro vai ter que ganhar o selo Chay, caso contrário, sua batalha estará totalmente perdida. — Tomei da mão dele a caixa com bolo. — Isso já é um bom começo.

Dei um sorriso irônico e fui atrás da minha amiga. Meu caminho foi parado por Quim, que me olhou descontente.

— Você já pode voltar para a sua sala. — Ele olhou para caixa em minhas mãos. — Vê se não come nada lá para não juntar esse tipo de bichos, já que eles são atraídos pela sujeira.

— Está me chamando de porca? — Fechei a cara para ele. — Porque se estiver, acho bom começar a se desculpar. — Quim ia falar, mas ergui a mão para pará-lo. — Meu escritório é limpo e organizado, apesar do *muquifo* em que você me colocou. Não tenho culpa que o imprestável que ficou em meu lugar era um porco. Então, meça suas palavras, *parça*, antes de falar qualquer coisa sobre mim.

Saí pisando duro até a mesa de Mônica, não dando a oportunidade de o ruivo dizer nada. Em todos os anos que trabalhava naquela indústria vital, sempre foi assim entre eu e o Quim: bastava ele abrir a boca, e já trocávamos farpas. Desde o primeiro dia de serviço, quando quase me atropelou no estacionamento e eu reclamei por ser um barbeiro. O imbecil ainda disse que a culpa era minha por não olhar por onde andava.

— Quim é um idiota – confessei a ela.

— Eduardo também é. — Ela olhou para o bolo. — Quem ele pensa que é para me comprar com um pedaço de bolo? — Mônica me encarou com a cara fechada, depois olhou para si mesma. — É por causa do meu peso? Ele acha que só porque sou gordinha, vai vir com comida, e eu vou ser toda sorrisos?

— Sei lá. — Abri a tampa do recipiente e dei uma garfada na iguaria vermelha. — Você não quer mesmo? — Quase soltei um gemido ao saborear o bolo.

— Você nem deveria ter aceitado. — Mônica balançou a cabeça, desgostosa. Dei de ombros e comi mais um pedaço. — Cadê a irmandade das mulheres?

— Disse a ele que se ele quisesse ter chances com você, precisaria do selo Chay. — Mônica arregalou aqueles olhos para mim e seu queixo caiu.

— Você não fez isso! — Exclamou. As pessoas que iam entrando provavelmente pensavam que eu havia feito algo imperdoável.

Depois de engolir o pedaço do bolo voltei a falar com toda a tranquilidade:

— Já disse, acho que ele quer te comer e por isso faz essas palhaçadas de crianças para chamar sua atenção. — Apontei o garfo em sua direção.

— Só você para ter essas ideias. Mesmo que seja verdade, eu não quero.

— Ah! Vamos lá. — Dei mais uma garfada no bolo. — Tá na cara. — Comi o pedaço e apontei para ela. — Olha para você.

— O que tem eu? — Mônica se olhou.

— Toda gostosona desse jeito, qual cara não vai querer te comer? — Ela me olhou com cara de quem quer dizer “*miga, sua louca*”, e eu completei: — Eu, se gostasse da fruta, já teria dado legal em cima de você.

— Sério, Charlene? — Balancei a cabeça afirmativamente. — Você é doida.

— Não sou. Quando o Eduardo e você ficarem juntos, vou lembrar dessa conversa e tacar na sua cara. — Naquele momento, algo em minha cabeça estalou. — Espera aí. — Dei um grito.

— Que foi?

— Mônica e Eduardo. — Sorri para ela com a piada na ponta da língua. Mônica ficou lá, me olhando com cara de pastel murcho em final de feira. — *Mano*, não acredito! O casal mais fofo e incrível da música.

— Que casal? Não tem casal nenhum, para de viajar! — Minha amiga ficou vermelha.

— Eduardo e Mônica. A música do Legião Urbana! — Exclamei, esperando uma reação dela, não era possível que não conhecesse a música.

— Ah, tá! Não somos um casal e não somos o casal da música. — Ela pegou sua nécessaire para poder ir escovar os dentes.

— *E quem irá dizer que existe razão para as coisas feitas pelo coração?* — Cantarolei, ganhei um tapa no meu braço antes dela sair para pegar o que mandou imprimir na impressora. Procurei uma imagem bem legalzinha de Eduardo e Mônica da música e coloquei de fundo de papel de parede do computador do *Duuuu*. Falando do diabo, o dito cujo estava entrando na sala naquele exato momento... Eu queria dar uma daquelas gargalhadas malignas quando veio até mim. Escrevi em um papelzinho a senha e a deixei junto com o computador em cima da mesa.

— Meu computador está pronto? — Ele me perguntou.

— Está aqui. Sua senha. — Entreguei um papel para ele em que estava escrito: “TINAO3M3NIN4DOCOMPUT4DOR!”

Nota para todos: nunca mexa com alguém de TI.

— *O XVideos* e todos os sites de sacanagem que você pensar estão bloqueados.

— Você está de palhaçada com a minha cara, não é? — Ele ergueu o papelzinho, mostrando minha letra perfeita. Dei o sorriso de um milhão de dólares. — Posso trocar essa senha?

— Não pode. — Minha vadia interior estava rindo muito. — Assim você aprende que eu não sou a garota do computador.

— Vocês gostam muito de guardar mágoas.

— Eu sou um docinho. — Mônica, que tinha voltado para sua mesa, comentou.

— Eu sou de escorpião, nascida no ano da cobra, sou o cão em pessoa. — Joguei um beijo para ele. Levantei da cadeira e fui para o meu cubículo. Entrei com extremo cuidado na sala, olhando para todos os lados, não queria ter uma surpresa. O cheiro de produto de limpeza e inseticida atacou o meu nariz. Conclusão? Comecei a espirrar como uma vaca velha.

Deixei a porta aberta, marchei até a sala do Quim, bati na porta e, três espirros depois, entrei, meus olhos lacrimejando e a garganta coçando.

— Não dá para trabalhar na minha sala. — Espirrei uma vez e outra e o encarei com expectativa. — O cheiro de produto de limpeza está me matando. — Espirrei de novo e de novo. — Tenho certeza que esse é seu plano maligno.

— Você é maluca, mulher? — A cara confusa dele era tão fofa!

— Não sou, não. — Cruzei os braços e tentei segurar o próximo espirro. — Sou meio louca às vezes.

— Sempre, você quer dizer. — Ele abriu os braços. — O que você quer que eu faça agora? Mande limpar o lugar.

— Me dê um lugar para trabalhar onde eu não morra. — Segurei o “cacete!” que estava prestes a sair da minha boca.

— Fica com a minha sala. — Ele levantou e apontou para mesa. — Estou saindo para uma reunião. — Pegou a bolsa do notebook e caminhou para a porta. — Só não vai fazer baderna.

— Além de porca, sou bagunceira. Nossa, o conceito que você tem de mim, hein? — Quem parou e olhou para mim, olhou mesmo. Aquela olhada que foi desde os meus All Stars de caveirinha, passou por meu jeans rasgado, minha blusa do Deadpool (sim, eu sou nerd), deu uma pausa bem demorada nos meus peitos e fixou em meu rosto.

— Você não sabe o que se passa na minha cabeça, então pare de colocar palavras na minha boca. — E saiu pela porta, me deixando de boca aberta uma segunda vez no dia por suas as frases confusas.

Sério? O que há com esse cara? Ele é doido, e depois ainda fala de mim! O que eu acho uma calúnia completa, só sou espontânea e verdadeira.

Cacete.



CAPÍTULO 4

Depois de Quim sair, passei a tarde toda na sala dele jogando e respondendo um mês de e-mail acumulado no meu computador. Claro que, antes de tudo isso, vasculhei todas as gavetas da mesa. O cara era todo certinho, não tinha nada fora do lugar. A sala tinha um armário de canto, ao olhar para dentro, achei um monte de pastas arquivadas por ordem alfabética, tudo no canto... esquerdo da sala. Eu tive que parar e olhar para as mãos para saber qual era esquerda, tenho problemas com isso, por isso vivo me perdendo.

Voltando à mesa, na última gaveta achei algo muito interessante. Meu queixo foi ao chão. Peguei em minhas mãos um pacote de Jontex XL ACQUA com efeito refrescante.

Ai, caralho.

Puta merda.

Jesus, Maria, José e o burrinho.

Se aquilo fosse de Quim, ou o cara tinha o ego grande ou o equipamento grande. A imagem daquele chocolate branco com morango completamente nu usando uma Jontex XL ACQUA com efeito refrescante com toda certeza faria parte dos meus sonhos molhados naquela noite.

A porta da sala abriu de repente, e o Duuu entrou por ela. E claro que o maldito pacote de camisinha pulou da minha mão e criou asas, parando aos pés do idiota do engenheiro. Levantei as mãos tentando não parecer tão culpada como eu era e disse:

— Juro que não é meu.

Gente, que coisa estúpida para se dizer. Claro que não era meu, não tenho pinto. Apesar de levar camisinha na bolsa, caso tivesse a sorte de acontecer alguma coisa. Não deveria ser responsabilidade somente do homem a proteção do casal, afinal era um ato em dupla, não é?

O moreno avaliou a embalagem e depois olhou para mim.

— Você não tem o equipamento certo para isso. – Duuu me deu uma olhada e sorriu.

— Você acha que Quim tem o equipamento certo para usar tudo isso? – Cara, fico impressionada como a minha boca não tem nenhuma sintonia com o meu cérebro. *Cacete, às vezes, era melhor pensar antes de dizer, Chay.*

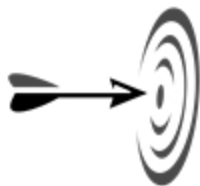
— Apesar de dividirmos o mesmo alojamento na faculdade – Eduardo caminhou até a mesa e depositou a embalagem ali –, tem certas coisas do meu amigo que não fazem parte do meu conhecimento sobre ele.

— Ou seja – Já que eu comecei a falar merda, vamos me enterrar –, você não serve para nada. – Adorei a cara de paspalho que ele fez. – Diga, *Duuu*, o que posso fazer por você nesta linda tarde de sol em que, por ser pobre, sou obrigada a ficar presa nessa sala?

— Eu vim falar com Quim. – Aposto que ele deveria estar pensando: “Essa mina é louca”. – Eu mando uma mensagem para ele.

— Certo. – Peguei o pacote de camisinha e devolvi ao seu lugar enquanto o *Duuu* saiu por onde entrou.

Deu o meu horário, ou seja, sete da noite – como eu havia chegado às dez, fui embora para minha casinha. Felizmente, morava próximo à estação São Judas, então andava uns duzentos metros para chegar em casa. Você sabe, uma mulher sozinha andando na noite, por qualquer lugar que fosse, era alvo fácil para ser assaltada. Como não carregava nada de valor, vai que o assaltante cogitasse querer o meu corpinho?



Sexta-feira deveria ser um elogio, tipo, você chega na pessoa e diz: “Nossa, você é tão sexta-feira”.

O bom de voltar de férias em plena quinta-feira é que você só trabalha dois dias e já cai no final de semana. Ao chegar no trabalho sem maiores incidentes, como morrer devido ao “cecê” dos outros, dei de cara com um entregador todo nervosinho na recepção.

— Eu não tenho tempo de subir até o décimo oitavo andar para entregar este pacote. — Ele apontou para a caixa cor-de-rosa em suas mãos. Era realmente lindinha, mas muito rosa para o meu gosto. — Minha moto tá em lugar proibido e posso levar uma multa, *cê* tá ligado...? Então, dá para receber logo a encomenda?

— Você falou décimo oitavo? — Eu sou tão solícita! Às vezes, um anjo de candura, não como a Mônica que parecia às vezes que tinha um tridente e um rabinho. — É o meu andar.

— Ótimo. — Disse o cara, que era magro e tinha as roupas todas ferradas... S

Sério, eu adorava um jeans desgastado e rasgado, mas o homem em minha frente devia ter ido para guerra. A roupa estava esfarrapada.

— *Tá* aqui. Uma encomenda para uma tal de Mônica. – Ele empurrou uma prancheta nojenta. Pensei que aquele negócio iria grudar em minha mão e não sair mais. Tive que assinar o meu nomezinho ali, e o cara foi embora em seguida, como o diabo foge da cruz.

— Tenha um bom dia para você também. – Disse inutilmente para as costas do cara. O segurança riu, e eu dei de ombros, entrei no elevador e fui para o meu andar. Minha curiosidade estava a mil por hora. Quem será que mandou presentinho para a Mônica? Apostava no *Duuu*, e logo pensei que aquele casalzinho seria tão fofo se estivesse junto.

Fui até a mesa de Mônica, e a doida já estava digitando furiosamente no teclado. Coloquei o presente em sua frente, fazendo a maior cara de expectativa.

— *Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?* – Cantarolei.

— Bom dia. – Ela sorriu e pegou a caixinha. – O que é isso?

— Um entregador mal-humorado deixou aqui para você. – Puxei uma das cadeiras de uma das mesas e fiz que nem criança, coloquei o queixo em cima das mãos e o cotovelo no tampo de madeira. – Aposto que é do *Duuu*.

— Se for, pode jogar fora. – Ela fez uma cara azeda. O idiota realmente tinha a magoado com as palavras dele.

Falando do santo, *Duuu* surgiu, caminhando em nossa direção. Quando chegou na mesa, ofereceu uma rosa vermelha para Mônica e outra para mim.

— Bom dia, meninas. – Tínhamos que dar o braço a torcer, o cara era persistente e mostrava um sorriso bonito.

Peguei a rosa e olhei para ela. Quase ri. Tanto eu quanto Mônica não éramos chegadas em rosas, principalmente as vermelhas.

— Bom dia, *Duuu*, tá cheio de presentinhos hoje...

Mônica, de repente, levantou da cadeira dela com estardalhaço, me interrompendo. Eu a olhei e a vi mais branca que fantasma. Na mesa estava a caixa aberta e dentro havia *post-its* de todas as cores e tamanhos e um conjunto de canetas coloridas de glitter essas coisas de papelaria que minha amiga tanto gostava.

— Não, não, não. — Mônica estava em pânico total. Levantei correndo e fui até ela. — De novo não. — Eu a abracei e senti seu corpo tremendo contra o meu. Depois vieram os soluços. Em dois ou três anos de nossa amizade, nunca tinha a visto chorar assim, do nada. Claro, só com filmes chatos de drama, livros do mesmo estilo e até um comercial gringo sobre alguma doença rara em crianças.

— Ei, o que foi? — Olhei por cima do ombro, encontrando o olhar assustado de Eduardo. — Eu sei que o *Duuu* é um completo burro por te dar rosas vermelhas, tão clichê. Mas ele aprende. Um dia, vai descobrir que chocolates ou livros são melhores presentes para você do que uma plantinha que logo, logo vai morrer.

— Não é isso... — Mônica me agarrou e enterrou a cabeça em meu ombro.

— Eu acho que ele deve ter roubado de algum túmulo. — Meu *modus operandi* em situações de choro é fazer a pessoa rir, afinal o que devemos fazer em uma situação dessa?

— Como é que é? — Eduardo quase gritou.

— Confessa, *Duuu*, você é um saqueador de túmulos nas horas vagas. Você tem cara disso. — Como esperado, Mônica riu. Sou muito melhor com risos do que com lágrimas. — Essa sua fachada de “eu sou um engenheiro fodão” esconde o seu eu verdadeiro. *Duuu*, o saqueador de túmulos.

— Você é louca. — Eduardo passou as mãos pelo cabelo preto engomadinho, e eu fiz um gesto com a cabeça para ver se percebia que

estava tentando tirar minha amiga de uma crise de choro.

— Na verdade, sou meio louca. — Mônica fungou, se soltou do meu abraço e disse: — Se me dão licença... — E nos deixou e caminhou em direção ao banheiro.

Peguei a caixa e entreguei para o *Duuu* embasbacado.

— Ainda não sei quem mandou essa porcaria, mas é o motivo de ela estar nesse estado. Suma com isso daqui, que vou fazer o controle de danos. — Abri a primeira gaveta da mesa de Mônica e alcancei seu estojo de maquiagem, sabia que a dona patricinha iria querer retocar o reboco da cara.

— Certo. — Comecei ao entrar no banho feminino. Dei uma olhada e vi que as três portas das casinhas estavam todas abertas, o que indicava que estávamos sozinhas. — Quem foi que chutou seu cachorro?

— Às vezes, você não faz sentido algum. — Mônica pegou a bolsa que eu oferecia e começou a tirar o arsenal. Fiquei somente olhando. Não é como se eu não quisesse ser mais feminina e usar mais aqueles trechos, era pura preguiça mesmo.

— Traduzindo, em quem eu vou ter que bater? — Estalei os dedos para dar um efeito melhor.

— Você é muito violenta também. — Mônica estava passando aparentemente de modo despreocupado os trechos no rosto, mas vi sua mão tremer.

— E você está evitando o assunto. — Cruzei os braços e olhei para ela, esperando. Mônica levou seu tempo. Uma coisa em abundância nela era a teimosia. Ninguém faz com que ela fizesse aquilo que não desejava, por mais que a pessoa tente convencê-la ou a suborne. Eu já fiz as duas coisas e realmente não deu certo.

— Na minha época de modelo — a coisa era séria, ela nunca falava dessa época para mim, e olha que falávamos de tudo na vida —,

conheci um cara. Seu nome era Bruno. – Virou para mim com os olhos perturbados. – Ele era charmoso, envolvente e incrível.

— Só que não. – Completei para ela.

— Sim. Só que não. – Mônica desistiu de tentar se maquiar, o tremor nas mãos não permitia. – Ele me dava presentes, perfumes, joias, livros, flores, uma infinidade de pequenas coisinhas. Eu fiquei encantada com todos aqueles presentes. – Apontou para si mesma. – Sempre fui acima do peso, e você sabe como o preconceito é forte para o lado das gordinhas.

Balancei a cabeça concordando, era um saco mesmo. Os caras só ficavam secando os meus peitos e, quando chegavam na barriga e nas coxas molengas, faziam cara feia. Adoro escutar aquelas frases: com um pouco de exercícios e uma alimentação balanceada, você perde peso; seu rosto é tão lindo, se perdesse peso...; você deveria emagrecer, é questão de saúde. Fora o meu IMC... Nada está descontrolado aqui, pode acreditar, sou uma gorda muito saudável e feliz.

— Bruno fez eu me sentir bonita e desejável. Eu me encantei, começamos a sair, as coisas evoluíram, mas algo não se encaixava. – Ela colocou uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. – Numa noite, estávamos no apartamento dele, e as coisas esquentaram. Era minha primeira vez, estava com medo, pedi para ele parar.

— Por favor, diga que ele não te forçou. – A raiva borbulhava dentro de mim só de pensar na possibilidade.

— Não. Ele parou, olhou para mim, como se eu não fosse nada, e começou um monte de xingamentos...

— Filho de uma puta.

— Sim. Saí de lá arrasada. No dia seguinte, veio me pedir desculpa. Em um primeiro momento, não aceitei, mas ele insistiu tanto, que eu aceitei ele de volta.

— O que aconteceu? – Mordi o lábio para não dizer o quanto ela fora burra por ter aceitado. Estava na cara que era um começo de relacionamento abusivo. Quantos relatos não vemos de mulheres dizendo que o homem era um cavalheiro até mudar drasticamente? Para mim, isso mostrava um comportamento sociopata.

— O nosso relacionamento mudou. Ele ficou mais grudento do que já era. Começou a me ligar quatro ou cinco vezes por dia, e quando não atendia, ficava bravo.
Sabia, a história sempre é a mesma.

— Na frente das pessoas, ele era o príncipe encantado. Todo mundo dizia que era um bilhete de loteria que eu havia achado, pela sorte que tive em conhecê-lo. Diziam que era para casar, que nossos filhos seriam lindos... – Mônica olhou para mim. – Não tinha chegado aos vinte e cinco, e o povo queria que fosse mãe. O discurso sempre o mesmo: você tem que aproveitar, na sua situação, não pode rejeitar um companheiro.

— Por que tudo na vida se volta para o fato do nosso IMC estar alterado?

Nem esperei ela responder e emendei:

— No passado, ser gordo era sinônimo de riqueza. Caralho, deixa a gente ser feliz. Mas continua...

— Aos poucos, ele foi me afastando de tudo e todos: conhecidos, amigos, pessoas amadas por mim. Não podia sair com meus amigos sem ele, não podia vestir o que queria... A gota d'água foi quando simplesmente jogou fora um livro que estava lendo porque não queria que eu lesse aquelas coisas inúteis.

— Ele não fez isso! – A raiva aumentou em mil graus, ninguém mexe com a leitura de uma mulher!

— Fez. – Mônica fechou os olhos. – Terminei tudo, e as poucas pessoas mais próximas ainda restantes, aquelas que ele permitia, se

afastaram de mim, pois ele pintou um cenário em que eu era a megera, e ele, um coitadinho.

— Esse cara é um psicopata, isso sim. – Cerrei meus punhos.

— Sim. Foi aí que começaram os presentes, os bilhetes e a perseguição. – Não estava gostando do rumo daquilo. – A última vez que o vi, me disse: “Você me pertence, e se não voltarmos, vai se arrepender”.

— Ah, puta que pariu de rodinhas. – Senti um calafrio. Isso não era nem um pouco bom. Todos meus anos de filme de terror vieram em minha mente.



CAPÍTULO 5

— Eu fiquei realmente com medo. Com a ajuda de uma amiga que conheci pela internet, tomei coragem, fui até uma delegacia da mulher prestar queixa e consegui uma medida protetiva.

— Aquela que a pessoa tem que ficar tantos metros longe?

Vi isso em algum lugar ou em algum seriado. Amava seriados policiais, médicos, com bombeiros, de fantasia, acho que atualmente estava acompanhando umas trinta séries diferentes, fora os livros, os mangás, HQ's, gibis. Já falei que sou uma nerd?

— Isso. Ele me deixou em paz por esses três anos. — Mônica suspirou e começou novamente o processo de se maquiar, sua mão não tremia mais, e meu nível de preocupação aumentou. Meu cérebro começou a pensar em maneiras de ajudar a minha amiga.

— Pena que só nos conhecemos depois. — Fui até ela e a abracei.
— Eu teria dado uma boa surra nele para parar de ser besta e deixar meu docinho em paz.

— Ah! — Mônica soltou uma gargalhada. — Você confessou que eu sou um docinho!

— Nunca disse o contrário. Você é um docinho meio louco. — Mostrei a língua, fiquei nos admirando no espelho, nossa diferença nos completava. — Para falar a verdade, na classe dos docinhos, você é um quebra-queixo. — Mônica terminou o seu reboco e riu mais um pouco. Eu era assim, as pessoas começavam a chorar do meu lado, e eu já corria para o meu arsenal de piadas.

Saímos do banheiro e demos de cara com Quim. Meus olhos criaram vida e foram direto para a braguilha dele. Tinha esquecido de mencionar o “senhor gigante pela própria natureza” para Mônica. Isso com toda certeza iria animá-la.

— As duas de fofquinha, tendo trabalho para fazer... — Meus olhos subiram pela camisa social cinza até chegarem naqueles lábios suculentos e finalmente pararam nos olhos claros.

Como seria beijá-lo? Meu Deus, Chay, você estar ficando louca.

— Bom dia, Quim! — Disse com alegria. — Como vai nesta sexta maravilhosa? Dormiu bem? — Coloquei a minha mão em seu ombro. — Olha, eu dormi muito bem, tive sonhos refrescantes, com coisas gigantes.

Ele ficou vermelho. Tipo, muito vermelho, quase beirando o roxo. Claro que o fofqueiro do *Duuu* foi falar para ele que eu tinha mexido e encontrado seus preservativos.

— Charlene, vai trabalhar, antes que eu ligue para o seu chefe e...

— Bubbalo, você não vive sem mim. — Cortei ele e dei um sorriso doce. — Isso é um fato, minha caixa de e-mail estourou com mensagens de reclamação e chamados abertos, então, se você quiser ligar para o meu chefe, tenho certeza que ele vai adorar mandar o cara que cobriu as minhas férias de volta para cá.

Do vermelho que estava, ele ficou pálido de repente, e isso me mostrou minha razão sobre o assunto. Não me considerava louca. Ok, talvez só um pouquinho. Estava nesse emprego havia quatro anos, e, em

todo esse tempo, eu e Quim sempre trocamos as nossas farpas, como já mencionei. Quando chegava o momento das férias, tanto as dele quanto as minhas, eu tinha certeza da saudade que um sentia do outro. Mas nós não demonstrávamos isso facilmente.

— O que foi isso? – Mônica me perguntou quando voltamos para a mesa dela, e eu contei sobre as Jontex XL ACQUA efeito refrescante. – Será que ele tem todo esse potencial?

— Gente, para o bem dos meus sonhos molhados, eu espero que sim. – Disse, peguei a rosa vermelha que *Duuu* me deu e cheirei. – Porque, você sabe, com ele, tem que ir com amor à pátria.

— Como assim?

Revirei os olhos para Mônica. Às vezes, precisava ligar a tecla SAP para ela conseguir me entender.

— Colocar a bandeira do Brasil na cara enquanto mandamos ver. – A gargalhada de Mônica foi ouvida no andar todo. – No caso, teria que amordaçá-lo, porque o problema dele é a boca linda e impertinente: quando aberta, é só para me deixar brava.

— Só você mesmo, Chay, para me fazer rir. – Ela jogou a rosa dela no lixo.

É, *Duuu*, você não foi feliz no seu presente.

— Tenho entradas VIP para uma balada aqui na Paulista hoje. – Bati palmas, feliz.

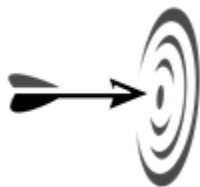
— Não sei...

— Pode parar, nós vamos. – Levantei da cadeira, porque Quim entrou em minha linha de visão e eu não queria receber uma bronca por não estar fazendo meu serviço. – Sairemos daqui, iremos para minha casa,

colocaremos roupas fabulosas, você vai fazer sua magia neste rostinho aqui, e vamos caçar umas *delicinhas* para termos alguma atividade.

Saí correndo para o meu cubículo antes que ela negasse meu convite ou que Quim viesse reclamar novamente. Qualquer um dos dois seria terrível. O que não percebi naquele momento, e somente muito depois Mônica me contou, foi que Joaquim havia ficado com uma cara estranha.

Mônica acha que ele está a fim de mim, mas eu sempre fui a louca da dupla, imagine se o delícia do ruivo iria se interessar por mim.



Às cinco horas da tarde, dei meu dia por encerrado. Matei um terço dos chamados de problemas abertos, trabalho que o pastel do cara que ficou no meu lugar não fez. O restante ficaria para segunda e, com fé em Deus, terminaria tudo pendente, para somente a partir daí começar com o meu trabalho planejado para aquele mês.

A minha sala e a de Quim ficavam bem próximas, então quando saí para ir embora, dei de cara com ele fazendo o mesmo. Uma ideia passava pela minha cabeça, uma ideia nem um pouco louca. A história de Mônica havia girado a tarde toda em meu cérebro. Na hora do almoço, ela tinha me contado mais coisas da loucura do tal Bruno, que era o inimigo número um na minha lista negra. Viu o porquê de não eu gostar de ser chamada de negra? Lista negra era o termo utilizado para uma lista de coisas ruins.

— Quim, preciso de sua ajuda. — Chamei a atenção dele.

— Seja o que for, vai ficar para segunda. — Disse e virou, dando o assunto por encerrado. Como aprendi com a Mônica a ser teimosa, dei vários passos apressados e parei em sua frente, e Quim quase bateu em mim.

— Chay, tive o dia cheio...

Espera! Ele me chamou de Chay? Quase coloquei a minha mão em sua testa para ver se estava com febre.

— Que seja. — Cortei ele. — Não dá para esperar. Preciso confirmar quais são as intenções do *Duuu* com a Mônica. — Os olhos claros bonitinhos dele se arregalaram, e percebi que neles havia umas pintinhas em amarelo.

— Eu tenho cara de casamenteiro agora? Ou pai da noiva? Qualquer merda dessas? — Joaquim tentou passar por mim, porém dei um passo para o lado, bloqueando sua passagem.

— Você é o amigo dele, então tem que saber disso. — Era óbvio para mim que Mônica tinha uma quedinha pelo engenheiro, mesmo que não soubesse disso ainda. Era meu dever como amiga ajudá-la a ver isso. Poderia ser o príncipe encantado dela ou um cara para aliviar o estresse, mas ela nunca saberia isso se não tentasse.

— Eu não sei sobre a vida dele. — Cruzei os braços e o encarei enquanto batia o pé. — *Tá*, ele está a fim.

— Dã! Só precisa ter meio cérebro e um olho para ver isso. — Às vezes, eu desejava torcer o lindo pescoço do bonitinho na minha frente.

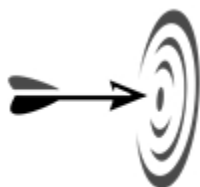
— O que você quer, Charlene? — Joaquim bufou e me encarou.

Quero você nu com chantilly em cima; quero você debaixo de mim; quero saber se você realmente é um XL, pensei, mas apenas disse:

— Traga o idiota do seu amigo para a balada da rádio Kiss. — Passei o endereço e depois virei as costas para saída, quando lembrei de algo e voltei para falar:

— E pelo amor do deus do enfadonho, coloque uma calça jeans e camiseta. Não me vá todo engomadinho.

Escutei um xingamento, mas nem liguei. Nos quatro anos que conheço o XL, nunca o vi de calça jeans. Eu confesso, já usei um vibrador pensando no ruivo e suas gravatas. Precisava de material novo para minha imaginação.



Chegamos em minha casa, Mônica e eu, e nos revezamos no banheiro. Tinha roupas dela em minha casa enquanto ela guardava algumas peças minhas na dela, incluindo roupas íntimas. Seria meio estranho emprestar uma calcinha, nosso nível de amizade não chegava neste patamar.

Optamos por um estilo meio roqueiro, já que era um evento da rádio Kiss, então só teria rock, o melhor estilo musical. Eu fui de legging, coturno fofinho com pedrarias e uma bata vermelha, que cobria a minha bunda e dava uma bela visão dos meus seios. *Me processe*, adorava exhibir os meus meninos. Um colar com um crucifixo de prata, brincos de cruz e uma pulseira fina no pulso esquerdo. Tenho certeza que era o esquerdo porque tenho uma queimadura nele.

Mônica foi com um vestido azul-escuro, jaqueta jeans e botas de salto alto – mesmo assim, não chegou na minha altura. Além disso, usava um monte de trecos que não sei o nome e que combinava muito bem com ela, e meia-calça.

Assim que passamos a hora da tortura, que era a da maquiagem, estávamos prontas para arrasar na pista. Enquanto caminhamos pela rua, conversando, animadas para chegar à estação de metrô, senti que tinha alguém me olhando. Olhei ao redor, mas não vi ninguém. Numa sexta, as ruas fervilhavam de gente, logo tudo deveria ser fruto da minha imaginação fértil.

Chegamos no metrô e recebemos uma cantada de um velhinho que estava saindo da estação. O cara parecia estar na casa dos noventa anos,

usava bengala e tudo, então apenas rimos muito e fizemos nossa viagem até a balada.

Ao chegar no lugar, pegamos uma pequena fila de uns cinco minutos e finalmente entramos. O espaço possuía um bar como outro qualquer, em madeira e cores pretas, e dois ambientes: um andar superior, que estava um pouco mais vazio, e um piso inferior, onde ficava o palco que as bandas covers iriam tocar. Olhei bem o local, até uma cabeleira vermelha chamar a minha atenção no piso superior.

— Não olhe agora para cima, mas... — Fiz um suspense ao sussurrar no ouvido da minha amiga. — Quim e *Duuu* estão aqui. — Ela olhou para onde eu indicava e a vi revirando os olhos, já fazendo as contas de por que os meninos estavam aqui. Coloquei a minha cara de *anja*, coisa que totalmente sou, e tentei não sorrir. Resultado: ganhei, de Mônica, um beliscão no braço.



CAPÍTULO 6

Nós subimos para o segundo andar, afinal os convites caros para caramba que comprei e não ganhei – por favor, não digam nada a Mônica – davam acesso àquele nível. Para não ficar na cara que tínhamos visto os meninos, caminhamos para o bar primeiro. Tínhamos direito a duas bebidas, então já fui pedindo tequila para nós.

— Chay, você sabe que não bebo. – Revirei os olhos ao ouvir aquilo. Claro que sabia, mas, devido aos acontecimentos, precisávamos de muita coragem líquida.

— Vamos lá, só uma dose e te deixo pegar um energético. – Dei meu melhor sorriso, tipo aquele que usamos quando queremos vender mercadoria parada.

— Eu nem sei beber isso. – Ela apontou para os copos que o menino do bar colocou em nossa frente.

— O que as meninas estão aprontando? – *Duuu* e Quim chegaram bem na hora.

Acho que perdi a capacidade de falar. Sério, vamos precisar sair daqui e ir para a emergência de um hospital. Eu sofria de um caso raro de perda de voz devido a gostosura de um certo ruivo. Quim estava de jeans preto, *aleluia, Senhor*, uma camiseta polo, *tinha que ser*, vermelha, *beeeeeem* coladinha naquele torso maravilhoso. Aposto que se eu passasse a mão,

poderia facilmente sentir os gominhos dele. Com aqueles braços, ele puxava ferro com toda certeza, e o ambiente fresco se tornou quente, o homem mexia comigo.

— Chay, nem sei tomar esse treco. — Ouvi a voz da minha amiga de longe, porque a minha concentração estava colada naqueles olhos claros. Sério, pode ser a luz diminuta, mas ele parecia um homem com fome, e eu era seu banquete. Aquilo estava fazendo o meu corpo criar vida.

— Fácil, Momo. — A muito custo, virei de volta para o balcão e para minha bebida. — Presta a atenção. — Mas em vez de me virar para ela e fazer a apresentação, me virei para Quim. Dei uma lambida no dorso da minha mão, pregando os meus olhos aos dele. Depois, alcancei o sal, polvilhei e fiz o mesmo processo como se fosse uma gatinha. Eu estava prestes a me esfregar no deus na minha frente. Tomei o líquido, que desceu queimando na minha garganta, e finalizei chupando o limão. — Viu, muito fácil.

— Eu ainda prefiro um refrigerante.

Olhei para ela e dei de ombros antes de me voltar para Quim.

— Cabelo de fogo, preciso ter uma conversa séria com você. — Minha mão criou vida e foi parar em seu peitoral. Tive que a segurar para não se mover para baixo e explorar mais. — Não te dei instruções quanto ao vestuário?

— Do que você está falando? — Quim olhou para mim como se estivesse nascendo outra cabeça no meu pescoço.

— Disse para você não vir todo engomadinho. — Empurrei ele para sairmos dali e não pagarmos de vela para o casalzinho. Escutei o Duuu perguntando qual era o meu problema e Mônica rindo. Isso era o que eu precisava.

Quim e eu fomos para o outro lado do espaço. Lá embaixo, uma banda cover começou a tocar, e não pude conter a gargalhada espalhafatosa.

— Isso é sério, né? – Perguntei para o Quim enquanto apontava para o local.

— O quê? Que você é doida? – Dei um beliscão no braço dele.

— Não, idiota, a música. – A cara dele de perdido me deixou perplexa. – Mano, Legião Urbana.

— Eu sei. E daí? – Quim estava querendo torrar a minha paciência.

— Uma das músicas da banda se chama Eduardo e Mônica. – Quim virou o rosto na direção de onde deixamos os dois e começou a rir.

— Não tinha ligado este fato ainda. – Disse e me deu um sorriso brilhante que parecia o de um demônio. Não que eu já tivesse visto um sorriso desses, mas deveria ser exatamente desse jeito.

— Você é meio lerdo. Mas o governo manda a gente não discriminar, saca? – Ele fechou a cara para as minhas palavras. – Você veio de polo, por favor, Joaquim.

— Estamos combinando, se você não percebeu. – O olhar de Quim estava me fazendo ficar molhada, já podia sentir minha calcinha úmida. Meus mamilos duros roçando no bojo do sutiã contribuíam para aumentar minha excitação.

— Pois é, parece que temos gosto iguais. – Ele chegou mais perto, e o perfume amadeirado que sempre usava me deixou tontinha. Juntando o fato de não ter comido nada e de que a tequila poderia estar fazendo efeito, meu mundo girava.

— O que mais temos em comum, Charlene? – É impressão minha, ou a voz dele ficou mais profunda? Quim me pressionou contra a parede, colocou uma mão do lado da minha cabeça, me prendendo. Paramos perto das grades de proteção do andar de cima, sendo assim, não havia possibilidade de escapar. Eu estava totalmente presa e sem nem um pinga de vontade de sair de lá.

Vi seu rosto se aproximando do meu, finalmente iria beijar aquela boca deliciosa, tipo, são quatro anos de desejo reprimido. Parece que tudo entrou em câmera lenta. Ergui meu rosto, pronta, e tentei não me jogar nos braços fortes e musculosos dele.

— A sua amiga é louca. — Quase voei grade abaixo quando a voz irritada do *Duuu* chegou em meus ouvidos.

Olhei para ele com cara de poucos amigos, já querendo o jogar lá embaixo, quando realmente o vi. O cara estava todo molhado. A camisa preta que usava tinha uma marca gigante de umidade: alguém deveria ter dado um banho nele. Por cima do ombro de Quim, tentei ver onde estava Mônica.

— Que merda você fez para minha amiga? — Empurrei o braço do Quim para o lado e já fui soltando os cachorros para cima do moreno. — Juro que vou arrancar suas bolas e te fazer comer.

— Pode ir baixando as garras, gatinha. — Quim me segurou pela cintura, fazendo com que eu grudasse em seu corpo. — Vamos primeiro descobrir o que aconteceu.

— Seu amigo deve ter sido um babaca de marca maior, como sempre. — Resmunguei, cruzei os braços e, por um minuto, me deixei distrair pelo corpo forte atrás de mim, acho que senti o senhor XL me cutucando.

— Alto lá. — *Duuu* reclamou enquanto tirava a própria camisa e a torcia. Cacete. O cara tinha uma belíssima tatuagem tribal que ia desde o ombro até se perder no cóis da cueca. Seus braços também eram fechados com desenhos de linhas pretas.

— Me diga que você tem uma dessa. — Ergui minha cabeça e olhei para o rosto de Quim.

— Não tenho uma dessa. — Ele me deu o sorriso de demônio. — A minha é outra. — Ah, minha Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, me ajude, sou piradinha em tatuagem.

Fechei os olhos por alguns minutos antes de voltar ao meu atual problema, precisava me focar e não pensar onde naquele corpo maravilhoso tinha uma tatuagem.

— O que foi que você fez? – Indaguei novamente, abrindo os olhos e encarando o *Duuu*.

— Eu não fiz nada, cacete. – Eduardo estava bravo. – Eu ia comentar como as pernas dela eram bonitas naquele vestidinho curto, ela não me deixou completar a frase e jogou o refrigerante em mim.

Aquilo era estranho, mas sou uma amiga fiel, e como tal, digo que Mônica só estava errada até que se prove o contrário.

— Como foi que você começou a frase, exatamente?

Eduardo me encarou. Se os olhos dele fossem iguais aos do Scott, de X-Men, eu estaria frita.

— Eu comecei com “*nossa, esse seu vestidinho curto...*”, e ganhei refrigerante na cara.

Não ia tirar conclusões sem escutar o outro lado, por isso, a contragosto, saí dos braços de Quim – amizade vem sempre em primeiro lugar – e fui procurar a minha amiga. Como uma piada sem graça, a banda começou a tocar Eduardo e Mônica.

Depois de cinco cantadas malfeitas, sendo que em uma, tive vontade de voltar e quebrar a cara do sujeito – tipo, ele veio com o papinho de “você não vai encontrar coisa melhor”, e eu disse que se isso acontecesse, viraria lésbica na mesma hora –, finalmente achei Mônica em dos banheiros do lugar, dentro de uma das casinhas (tive que bater e chamar uma por uma para encontrá-la).

— Ei, Momo, o que aconteceu? – Perguntei do lado de fora.

— Eu não sei. – Ouvi a porta da casinha se abrindo e a vi sentada na tampa da privada. – Eu realmente não sei, estava conversando na boa, e

de repente ele vem me dizer sobre o tamanho do meu vestido.

— Ele me disse que só queria elogiar suas pernas. — Olhei para ela e vi lágrimas nos olhos.

— Bruno também... — O soluço cortou sua frase, finalmente entendi o que estava acontecendo.

A noite tinha terminado. Puxei a minha amiga de pé e a abracei. Ficamos dentro daquele banheiro tempo suficiente para ela se recompor e depois saímos do bar. Pedi um Uber para nós, porque ela não estava em condições de enfrentar o metrô naquela hora, e, ao olhar para o relógio, vi que faltavam vinte minutos para a meia-noite.

Já sentada no carro, senti meu celular vibrar. Peguei ele no meio dos peitos e desbloqueei. Tinha uma mensagem nova no *Whats* de um número desconhecido. Cliquei na mensagem e apareceu:

Anônimo: “Onde vocês estão?”

Chay: “Quem é você, criatura?”

Anônimo: “Sou eu, o Quim”

Chay: “Quindimmmmm”

Quim: “>: (“

Chay: “Estamos a caminho da minha casa”.

Quim: “Onde é isso? Estão indo de quê? O que aconteceu com a Mônica?”

Chay: “Não vou dizer, vai que você queira me sequestrar. Estamos indo de Uber. E é complicado, pede desculpas para o Duuu”.

Quim: “Te sequestrar? Pelamor de Deus, você dá muito trabalho”.

— Idiota... – Resmunguei.

— O que houve? – Mônica desencostou a cabeça do meu ombro. Mostrei o celular para ela. – Vou ter que pedir mesmo desculpas para o Eduardo.

— Vai sim. – Concordei com a cabeça.

— Eu exagerei. – Olhei para o semblante triste de Mônica. Dei um tapinha em seus joelhos, em uma tentativa de consolá-la.

— Conta para ele o que aconteceu.

Mônica balançou a cabeça em negativa.

— Já foi difícil contar para você...

— Tudo bem. – Não iria insistir, Mônica era muito reservada com as coisas dela.

Peguei meu celular e mandei mais uma mensagem para Quim:

“Benzinho, você não daria conta de mim, sou muito para seu caminhãozinho”

O que era uma mentira deslavada, já que eu bem senti o tamanho do senhor XL.

“Para certas coisas, vale a pena dar duas viagens”

Mas que porra ele quis dizer com isso?



CAPÍTULO 7

Passei o final de semana inteirinho com a Mônica. Fizemos maratona de série – nada como os bombeiros gostosos de Chicago Fire para animar as coisas – e colocamos as coisas em ordem. Ela me falou mais do caso Bruno e montamos uma estratégia para pedir desculpas para o Duuu. Em contrapartida, contei tudo sobre o Quim e sobre como estava confusa com as mensagens dele. Chegamos à conclusão que o meu cabeça de *fósforo* queria me comer e eu a ele, agora só faltava ajeitarmos as coisas.

Minha segunda-feira começou péssima. A dona bonita da minha menstruação resolveu aparecer. Acordei atrasada. Um babaca no metrô fez insinuações sobre o meu peso, e eu mandei ele se ferrar, e quando cheguei no meu trabalho, dei de cara com Quim abraçando uma loira magérrima.

— Dá licença – disse entredentes –, vocês estão atrapalhando a passagem. – De fato, não era bem assim, poderia dar a volta no casazinho e passar a catraca. Podia, porém não queria. A loira se separou do meu Quim, passei no meio dos dois de cabeça erguida como se aquilo não importasse. Quanta mentira, pois me importava muito, queria estar no lugar dela.

A recepcionista me chamou e entregou um pacote para mim. Outro embrulho no nome da Mônica. Aquilo gelou meu sangue. Perguntei para a menina quem tinha entregado, e ela disse que foi o mesmo cara simpático – só que não – da outra vez. Entrei no elevador, olhando fixamente para o embrulho em minha mão, mas sem ver mais nada, os pensamentos a mil.

— Charlene! – Quase grudei no teto do elevador pelo susto. Olhei para frente e vi Quim segurando a porta. Não tinha percebido que tinha chegado no nosso andar e nem que ele estava no mesmo espaço que eu.

— Desculpe... – Falei sem jeito. Saí do elevador ainda encarando a caixa. – Quando uma amiga pode ser intrometida?

— Mais do que você foi na sexta? – Ele perguntou. Deixei essa passar na boa, já que a caixa pesava em minha mão e eu me sentia segurando uma bomba-relógio.

— Se te contar uma coisa, você não vai abrir essa boca bonita e falar o que vou te contar? – Não sei o que me deu, mas achei melhor contar para alguém. Sei lá, os filmes de psicopatas voltaram na minha mente.

— Não vou trair a sua confiança. – Acreditei nele, Quim não fazia fofocas. Porém, ainda hesitei, estava quebrando o código das amigas aqui.

— O que você faria se um idiota perseguidor voltasse a incomodar sua amiga? – Olhei para a caixa em minhas mãos.

— Me conta todo contexto da história, Chay. – Em quatro anos, Quim nunca tinha me chamado pelo apelido. Nunca mesmo, e agora, com essa, já somava duas vezes.

— Eu... Nós podemos conversar em outro lugar? – Não queria que Mônica escutasse nada. Nem ela, nem ninguém.

— Minha sala, ou podemos descer e tomar um café...

— Starbucks, você paga. – Sorri, já feliz, muito, muito feliz, enquanto apertava o botão do elevador para descer.

— Por que devemos andar vários quarteirões para tomar um café? – Voltamos para dentro da caixa metálica.

— Porque estou naqueles dias e a minha tendência ao melodrama está em alta. — Fiz cara de paisagem.

Quim ficava ainda mais gostoso quando gemia de frustração. Claro que eu preferia ele gemendo de tesão embaixo de mim – ou em cima, não era muito exigente.

Enquanto caminhávamos, contei sobre tudo o que estava acontecendo com Mônica. Meu ruivo era um bom ouvinte, não disse nada até eu terminar tudo. Quando vi, estávamos dentro da cafeteria.

Depois de pegar nossos cafés e um bolinho de chocolate para cada, sentamos na mesinha, o pacote no meio de nós dois.

— Esconder este presente ou qualquer coisa da Mônica não é a solução. — Quim falou por fim.

— Eu sei. — Beberiquei o meu café. — Eu estaria sendo manipuladora igual ao cretino.

— Exato. Você precisa deixar ela escolher. — Quim pegou em minha mão, e entrelaçamos os dedos. Eu achava bonito o nosso contraste, a brancura da pele dele contra a minha cor de chocolate.

— Odeio isso. Queria colocar ela dentro de um potinho e guardar bem protegida. — Fiz um bico do tamanho do mundo.

— Às vezes, não dá. — Quim fez carinho em meu rosto, e ficamos uns segundos só nos olhando, até o celular dele tocar. Ele pegou o aparelho, olhou para o visor e depois colocou de volta no bolso. Lembrei da loira de mais cedo e fechei a cara.

— Não vai atender? — Soltei as nossas mãos e cruzei os braços.

— Não. — Quim passou as mãos pelos cabelos, os despenteando. — Não estou com humor para falar com a minha mãe. Para isso, preciso de uma garrafa inteira de tequila. — Olhei sem entender. — Minha mãe é

daquelas que deseja ser cheia de netos. Só os dois pequenos terroristas da minha irmã não são o suficiente.

— Sei como é. — Levantei da mesa e peguei a caixa como se ela fosse uma bomba. — Nessas férias, minha mãe passou todos os dias me perguntando quando eu iria arrumar um marido e dar netos para ela.

— Qual foi sua resposta? — Voltei para a fila do caixa, Mônica precisaria de muito café e chocolate, e como o ruivo delícia pagou o meu, eu pude comprar um para ela.

— Que está cedo, quero fazer um tour pela Europa antes. Tenho que ir na Irlanda antes de morrer. — Esse desejo nasceu quando eu comecei a trabalhar com um certo ruivo. Antes seria a Itália, precisamente a ilha da Sicília, devido ao meu gosto por livros de banca de jornal. Olhando bem para Quim, ele parecia um daqueles caras que apareciam na capa. Eu até podia imaginar o título: Meu Adorável Irlandês, ou qualquer coisa assim.

Fiz outro pedido, e, quando voltei, Quim comentou:

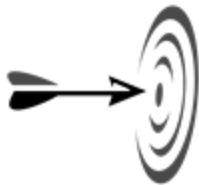
— A Irlanda é linda mesmo. Você vai comer mais um desse aí? — Virei para ele e levantei a sobrancelha. Se ele falasse sobre o meu peso, juro que perderia toda compostura e daria na cara dele. — Sério, Charlene, muito açúcar faz mal para a minha saúde.

— Como eu comer mais um bolinho vai fazer mal para a sua saúde? — Não fazia sentindo algum, acho que o café dele estava batizado.

— Você já é terrível sem ingerir quantidades grandes de açúcar e já faz meu dia um caos, imagine com dois bolinhos. — Eu tive que rir da cara fofa dele. — Sinto muito, mas você é maluca.

Mostrei a língua e, em seguida, ouvi meu nome sendo gritado pela barista. Peguei meu pedido e voltamos para o escritório em um silêncio gostoso. Meus pensamentos giravam em torno da minha amiga. Eu precisava de um plano, descobrir realmente se era o tal de Bruno novamente.

— Eu não sou maluca, sou meio doida. Todavia, isso é para Mônica. — Quim pegou a caixa das minhas mãos e a minha mochila, e achei muito fofo da parte dele. — Eu não sou terrível.



— Certo. Está rolando algo entre você e o Quim? — Mônica me perguntou enquanto sentávamos na mesa do refeitório vazio.

— Não. Ele só me ajudou com as coisas. — Dei de ombros. — Acho que ele viu que ia acontecer um acidente gigante.

— Mais café para mim? — Ela abriu a tampa do copo e colocou o açúcar. — Ganhou na loteria?

— Não. — Empurrei a caixa para ela. — Achei que você iria precisar, já que chegou outro pacote para você.

Mônica deixou o copo de lado e afastou o bolinho. Desfez o papel pardo da caixa e a abriu. Dentro dela havia alguns livros rosas, de capa dura. Era a coleção de luxo da Jane Austen. Não gostava da autora, mas achei os livros muito bonitos.

— Como você sabe que os presentes são dele? — Perguntei. Poderia ser qualquer um, Mônica sempre colocava em sua página do Face e no Insta frases dos livros que lia.

Mônica tirou uma pequena mecha de cabelo de dentro da caixa.

— É a assinatura dele. — Ela jogou a mecha de cabelo de volta no pacote.

— Ele é bizarro. — Fiz cara de nojo. Quem em sã consciência mandava mechas de cabelo para outra pessoa? Ninguém, a não ser o cara estranho de As Panteras. — Viu o *Duuu* hoje?

— Não. — Mônica fechou a caixa e empurrou para longe. — Ele vai ficar a semana toda em uma obra. — A cara tristonha dela me cortava o coração.

— Você não sabe da maior. — Fiz um *draminha* para deixar as coisas mais legais. — Peguei Quim aos *agarros* com uma loira magrela oferecida. *Tá*, era só um abraço de despedida, mas é daí?

— Não vamos tirar conclusões. — Mônica pegou em minha mão. — Lembra do Felipe?

— Como eu ia saber que o cara era gay e queria o telefone do meu cabeleireiro? — Questionei, indignada. Eu achei que estava abafando quando vi um loiro lindo de morrer me secando em uma feira gastronômica. No fim, ele só queria saber onde tinha feito meu penteado, para o boy dele fazer o mesmo.

— Então vamos primeiro descobrir quem é a loira. Não acho que Quim é um destes caras que tem um harém. — Mônica suspirou. — Mas quem sou eu para dizer alguma coisa, olha o meu histórico.

Quis apertar com todas as minhas forças o pescoço desse Bruno por fazer a minha amiga sofrer deste jeito. Ia fazer uma colocação espertinha, mas Quim entrou bem na hora.

— Já estou indo para minha sala. — Levantei em um pulo antes que o ruivo gostoso começasse a brigar.

— Preciso que você vá fazer seja lá o que faz para construir um pequeno escritório em uma obra. Os caras da operadora de telefonia já instalaram o telefone e a internet por lá.

— Sim, senhor, meu soberano. — Fiz uma mesura exagerada. Ganhei risos de Mônica e um franzir de testa do Quim, sem graça.

— Chame um táxi para te levar e buscar. — Quim não caiu na minha deixa, ele era um estraga-prazer. — Mônica, é semana de fechamento

e preciso de você depois do horário. Não se preocupe, que terá táxi para você também.

— Até Osasco ? Minha Nossa Senhora da Bicicletinha! — Gente, como adorava essa senhora aí. — Vai ficar uma fortuna.

— Não se preocupe com isso, só faça seu trabalho. — Antes de sair, me deu uma olhada que classifiquei como *molha-calcinha-da-Chay*.

— Esse homem está tão na sua. — Mônica riu.

E eu estava muito na dele.

Nota da Autora: Osasco é uma cidade do estado São Paulo. Essa cidade fica próxima à capital. Da Avenida Paulista até onde Mônica mora, dá mais ou menos 22 quilômetros de distância.



CAPÍTULO 8

A semana foi pesada. Tipo, fui todos os dias para a obra, porque sempre havia algum problema com algum equipamento. Sério, estava quase dando na cara dos engenheiros que bagunçavam todo o meu trabalho. Nas obras, sempre tinha uma casinha ou um trailer onde eram guardadas todas as papeladas e afins. Nele, eu montava um escritório com um ou dois computadores e impressoras. Tudo integrado com Wi-Fi.

A obra era a mesma para qual o *Duuu* foi chamado, então conversamos bastante, acabei o conhecendo e vendo um outro lado não tão babaca dele. Não podia contar o verdadeiro motivo da loucura da Mônica, já quebrei o código das amigas com o Quim, não iria fazer o mesmo com Duuu.

Até que o cara era legalzinho; tirando o gosto horrível para música – o cara curtia pagode, minha veia roqueira gritava para que eu o doutrinasse –, ele realmente era um cara legal, o que me deu mais vontade de ajudar os dois.

Quem me surpreendeu foi o Quim. Mônica me contou que em todos os dias desta semana, ele a acompanhou e a esperou pegar o táxi para ir para casa. Além disso, os dois andaram conversando sobre mim, mas a safada não me deu detalhes, disse que teríamos que nos encontrar à noite para termos uma noite de meninas.

O que me leva ao fato de estar extremamente puta da vida nesse exato momento. O idiota do engenheiro chefe derramou café no notebook, e eu tive que trocar o equipamento e trazer o danificado para empresa e ver se dava para fazer qualquer coisa. Só que a obra fica do outro lado de São Paulo e totalmente no fluxo em uma sexta-feira, quando tudo mundo quer andar de carro. Mesmo o taxista tendo feito uns caminhos doidos, cheguei na Paulista quando já eram quase oito horas da noite.

Além de levar o notebook, precisei trazer uma impressora defeituosa, então entrei pelo estacionamento. O taxista, com outra corrida programada, nem me ajudou com a caixa enorme, portanto estava toda cheia de coisas, atravessando a escuridão do bloco B. Minha mente pensava naqueles filmes de terror que adoro assistir, fazendo meu coração acelerar e me fazendo ver coisas que não existiam. O barulho de um alarme soou em algum canto e me gelou a espinha. Quando virei em uma fileira de carros próximo ao acesso ao elevador, vi uma cabeleira acobreada.

— Quim! – Chamei, e o gostosão olhou para mim. Naquela semana longe, tínhamos trocado várias mensagens no *Whats*, mensagens de duplo sentido na maioria das vezes. Prometi para mim mesma que a próxima vez que o visse, iria acabar com aquele joguinho de gato e rato. Estava determinada a agarrar o Garfield e matar toda a minha curiosidade sobre o gosto da sua boca.

Quim veio em minha direção, todo delícia. A caixa em minhas mãos estava pesada para caramba, e eu simplesmente a deixei no chão, iria fazer todos aqueles músculos trabalharem para mim. Foi quando vi o carro preto vindo em nossa direção, com os faróis desligados, vidro filmado. Pode me chamar de louca, mas estava parecendo filme de terror tudo aquilo.

— Quim, cuidado! – No mesmo momento que gritei, o motorista acelerou com tudo para cima do meu gato. O barulho da pancada e o cantar de pneus foi audível em todo o estacionamento. O carro passou por mim, e se eu não tivesse me jogado para o lado, tinha me acertado também.

— Oh, meu Deus! – Levantei correndo e fui de encontro ao corpo caído de Quim. – Não, não, não. – As lágrimas me cegaram. Tinha sangue

escorrendo no seu rosto, a camisa cinza estava rasgada e o braço se encontrava em um ângulo estranho. – Quim! – Chamei, não o tocando, estava com medo de mexer e causar mais danos. – Respira, Chay, não entre em pânico. O que seus treze anos de Grey’s Anatomy te ensinou?

Olhei a extensão de seu corpo. Primeiro era necessário ver se ele estava vivo. Com extremo cuidado, coloquei dois dedos em seu pescoço até conseguir achar os batimentos. Quase levantei e fiz uma dancinha da vitória, mas tinha que manter o foco.

Peguei o meu celular no meio dos meus peitos e tentei ligar para emergência, mas a droga do aparelho não tinha sinal, a Vivo não pegava no andar.

— Por favor, não morra. – Sussurrei para ele. – Eu ainda preciso usar seu corpinho delícia e precisamos ainda brigar muito um com outro. – Levantei e saí correndo com o celular na mão até achar um sinal e ligar para emergência. Depois de dar o máximo de informações possível, terminei a ligação, voltei para ele e me sentei ao seu lado.

— Por favor, Quim, não faz isso comigo... – Fiquei repetindo a frase várias e várias vezes. Comecei a lembrar de todas as nossas pequenas discussões, de sua rigidez, de seus raros sorrisos. Fiz uma prece a quem estivesse me ouvindo, prometendo que se ele ficasse bem, eu não ia mais arrumar briga. Fiquei nessa até os paramédicos chegarem.

Ele foi posto na ambulância, e os enfermeiros me deixaram ir junto. No meio do caminho, Quim havia recobrado a consciência algumas vezes e apagado em seguida. Aquilo me deixou ainda mais nervosa. Eu segurava, às duras penas, as lágrimas.

Chegamos no hospital, e eles o levaram para emergência enquanto fui posta na sala de espera. Passou meia hora, e um policial apareceu para pegar o meu depoimento. Depois de responder a um milhão de perguntas, ele finalmente me liberou. Horas se passaram, mas ninguém quis me dar informação sobre o estado de Quim.

— Já disse que só pessoas da família podem saber o estado de um paciente. — O segurança babaca falou pela terceira vez.

— Sou quase da família. — Juro, não corei pela mentira. Foda-se, queria ver meu Quim.

— Ah, é? — Ele me olhou de cima a baixo. — Qual o grau de parentesco com o ruivo?

Sério que ele iria pela linha do preconceito racial?

— Sou noiva dele, agora você vai me deixar entrar nessa porra, ou vou ter que chamar o SPTV? (*Emissora de televisão em São Paulo*) É o amor da minha vida naquele leito de hospital! — Bem, isso era uma meia verdade, não sabia ao certo se o amava. A única certeza era que minha atração por ele crescia a cada dia, mas foda-se, o segurança não precisava saber que nunca nem dei um beijinho no meu Quindim.

— Chico, deixa a moça passar. — Um outro segurança, que estava chegando no posto, viu meu estado de agitação e pediu para o colega.

A contragosto, Chico me deu um crachá de visitante e me indicou o local onde eu deveria ir para encontrar Quim. Se um estacionamento escuro era aterrorizador, imagine um hospital todo iluminado. Já estava imaginando aquelas enfermeiras zumbis com cutelo de carne saindo do nada para me atacar. Preciso parar de assistir filmes de terror.

Felizmente, cheguei ao meu destino sem ninguém pular em mim. Uma simpática enfermeira me levou até o quarto de Quim e me explicou que houve uma pancada bem forte na cabeça, várias escoriações e um braço quebrado. Ele estava fora de perigo, recobrou a consciência algumas vezes e iria ficar no hospital a noite toda em observação. Se tudo estivesse bem, ganharia alta pela manhã.

Ganhei uma cadeira para ficar ao lado dele. O meu novo status de relacionamento me conferiu a permanência ao seu lado como acompanhante. Peguei sua mão boa e entrelacei meus dedos nos dele. Fiquei ali, olhando seu peito subindo e descendo, feliz por ele estar vivo.

Acho que dormi, pois, em um dado momento, ouvi vozes de pessoas por perto. Estava prestes a abrir os olhos e anunciar o meu estado em alerta, quando a frase seguinte me fez retroceder na ação.

— Ela ficou a noite toda, claro que depois de quase bater no segurança. — A voz era de uma mulher.

— Chay tende a ser um tanto quanto violenta, às vezes. — Essa era a voz do meu Quim.

— Confesso: no lugar dela, teria feito pior. — Não sabia quem era a mulher, mas já gostava dela. — Acha que eu ficaria sentada em uma sala de espera com o meu noivo perdido dentro do hospital...? Não, nem morta.

Gelei com essa última parte aí. Senti um aperto em minha mão e o retribui, esquecendo de permanecer o meu fingimento de estar dormindo.

— Minha garota é assim mesmo. — *Tá*, com isso ele conseguiu toda a minha atenção. A mulher se despediu, e ouvi o barulho de uma porta sendo fechada. — Eu sei que você está acordada, minha noiva.

Abrir os olhos e levantei o meu rosto para ele.

— Oi. — Disse timidamente. Seu lindo rosto estava com pontos já ficando arroxeados. Sua pele clara estava bem pálida, os outros danos, escondidos pelo lençol.

— Oi. — Quim apertou mais a minha mão. — Você está bem?

— Sou eu quem devo te perguntar isso. — Com a mão livre, tirei uma mecha de cabelo de sua testa.

— Agora não sinto nada, acho que estou meio chapado de analgésicos. — Ele deu um sorriso fraco. — Eu não sei bem o que aconteceu.

— Um filho de uma puta te atropelou no estacionamento do prédio. — Agora que o medo de o perder foi embora, a raiva assumiu o lugar. Queria bater em alguém, e desta vez não era somente uma frase: um sentimento assassino nasceu em mim ao ver meu Quim machucado.

— Você viu quem foi?

— Não. Era um carro preto, com vidros filmados, poderia ser um Celta ou um Logan...

— Há uma grande diferença neste dois aí. – Quim sorriu.

— Eu não entendo de carro, fique feliz por eu saber o que é um fusquinha. – Retruquei, e ele gargalhou.

— Minha Chay, só você para me fazer rir.

Derreti com o “Minha Chay”. Não sei que remédios ele estava tomando, mas assim que eu encontrar seu médico, vou pedir umas doses extras.

— Está no meu manual de instruções, você deveria ter lido antes de me aceitar. – Dei um sorriso parecido com uma careta para ele.

— Eu preciso de uma outra cópia deste manual aí, porque você é completamente confusa. – O revirar de olhos dele já era conhecido por mim.

— É bem simples, Quindim, eu sempre estou com a razão e você sempre deve ter chocolate. – Quim teve que segurar a barriga com a mão engessada.

— Chay, eu sofri um acidente, estou todo estropiado, e você me fazendo rir. – Quim se queixou com uma careta fofa.

— Que tal um beijinho nos dodóis para sarar mais rápido? – Mostrei a língua para ele. Quim ficou sério, juro, a cor de seus olhos ganhou um brilho intenso quando disse:

— Na verdade, eu quero sim, mas só se você beijar em todos os lugares que estão machucados ou estejam doendo.

Ai, minha Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, não ia deixar essa passar batido, né?

Soltei nossas mãos, levantei da cadeira e parei por cima de seu corpo. Vi suas pupilas dilatarem. Sorri de modo faceiro e me dirigi para sua boca e, quando estava a milímetros de distância dela, simplesmente desviei e dei um beijo casto em um dos seus hematomas.

— Às vezes, você me irrita tanto. — Quim rosnou as palavras enquanto, com a mão boa, puxava minhas tranças, trazendo a minha cabeça de encontro à dele. Nada na vida me preparou para o choque de ser beijada por Joaquim.

Os lábios dele eram macios, carnudos e deliciosos. Muito dominante, exigente. Esqueci de tudo o que me rodeava, a única coisa que me importava no momento era aquela língua travessa brincando com a minha. O cheiro bem fraquinho do seu perfume invadiu o meu sistema. Nada, nenhuma das minhas mais loucas fantasias me preparou para a doce e deliciosa realidade. O cara sabia beijar muito bem, me deixava com gosto de quero mais, muito mais, principalmente com o desejo de saber onde ficava a sua tatuagem.

A porta do quarto abriu de repente, nos assustando. Ergui a cabeça e me deparei com a loira do outro dia.

Fodeu.



CAPÍTULO 9

Nessas horas que agradeço por ser preta. Não dava para ver a coloração avermelhada de vergonha em meu rosto, mas senti minhas bochechas pegando fogo. Afinal, me tornei uma vadia completa, já que estava pegando o cara de outra. Provavelmente essa é a verdadeira noiva, ou sei lá o que, de Quim.

— Vou ligar para Mônica e dizer que estou viva. – Caminhei para a porta sem olhar para loira. – Volto depois.

Antes de sair correndo como se o diabo estivesse me perseguindo, ainda pude ouvir a loira perguntando quem eu era. Bem, sou a vadia que está pegando seu cara, prazer. Era isso que eu teria que falar.

Caminhei de volta à guarita do segurança chato. Felizmente, ele não estava lá, o cara gentil com cara de Papai Noel – barba branca, grande barriga, *saca?* – era o da vez.

— Pode me dizer onde tem um refeitório? – Perguntei para ele. Estava morrendo de fome e realmente tinha que ligar para Mônica, vi umas quinze chamadas perdidas no visor do celular.

— Você está sangrando. – Eu já ia perguntar que diacho de lugar era “Você Está Sangrando”, quando ele apontou para o meu braço. Quando desviei do carro para não ser atropelada também, acabei caindo, e isso resultou em pequenas escoriações no meu braço esquerdo.

— Não é nada...

— A senhorita vá por este corredor, abra uma ficha e cuide do ferimento. Você está em um hospital, sabe quantas doenças tem aqui? — Com este argumento, ele me convenceu. Não precisava ter meu braço amputado, eu gostava dele onde estava. Sim, quando estou nervosa, sou dramática.

Tive que fazer todos os trâmites, passar no médico, depois ir para o curativo e ainda ganhei uma injeção de tétano de graça, porque não fazia a ideia de quando foi a última vez que estive em um posto para tomar vacina.

Tudo finalizado, fui finalmente comer. Já eram seis horas da manhã. Detalhe: só me perdi duas vezes e quase fui parar no necrotério, porque as pessoas insistiam em me dizer “vire à esquerda” ou “é logo à sua direita”,

A cafeteria do hospital estava vazia naquele momento. Pedi um cappuccino gigante e dois salgados – me julgue, aquilo era café da manhã e janta. Comi tudo e liguei para Mônica.

— Oi... – Falei em um sussurro, fechando os olhos e esperando a bronca.

— Onde é que você se meteu, sua louca? – Só pelo seu tom de voz, eu soube que estava puta comigo, então me apressei para contar toda a minha noite. – Eita, como ele está? Como você está? Quer que eu vá para aí? – Ouvi o barulho de lençol, ela estava se levantando da cama.

— Não precisa, já estou indo para minha casa. – Só precisava voltar no quarto, enfrentar uma situação delicada, pegar minha bolsa, tentar não me desmanchar em lágrimas e chegar no meu doce lar. – Quim está bem, várias escoriações, um corte na testa, um braço quebrado, a noiva dele, ou sei lá o que ela é, está com ele.

— Como assim?! – Tive que tirar o telefone por causa do berro que ela deu.

— A loira magrela...

— É noiva dele?

Olhei o restinho de chocolate no fundo da xícara do meu cappuccino e suspirei.

— Acho que sim. Não fiquei para ser apresentada. – Na verdade, queria achar um buraco para me esconder.

— Por que não?

— Porque ela nos pegou em um beijo. – Eu tive que afastar o aparelho do ouvido mais uma vez por causa do berro que a louca deu.

— Finalmente! Não acredito que vocês demoram tanto tempo! – Pela respiração ofegante, ela deveria estar fazendo nossa dancinha da vitória.

— E eu não deveria ter feito isso. – Agora estava me sentindo muito culpada.

— Quer parar de sofrer por antecipação? Me diga o hospital em que você está, para eu ir dar na sua cara.

— Ei! A amiga violenta sou eu. – Levantei da cadeira e comecei o meu trajeto de volta. Não era uma covarde, não ia me esconder, iria chegar na mulher e pedir desculpa por beijar o cara dela. – Já estou indo, tá?

— Ótimo, me liga quando puder.

— Sim, mamãe. – Era sempre bom falar com Mônica, não sei explicar, mas tínhamos um negócio de alma. Nossa amizade nasceu do nada e só crescia desde então.

Antes de bater na porta do quarto, respirei fundo pelo que pareceu um milhão de vezes. Ao entrar, vi Quim sentado na cadeira com um short e camiseta, era a roupa mais informal que eu já tinha visto nele. Acho que meu queixo caiu no chão.

— Olha ela. — A loira veio saltitante em minha direção, isso era um bom sinal né? Ela não iria me matar ou coisa assim. — Eu sou a Maria, irmã do desnaturado ali.

Meu queixo já estava no chão, a minha cara toda estava lá. Porra, irmã? Eu queria gritar “mas você é loira, ele é ruivo”, no entanto só disse um “prazer em conhecê-la” bem baixinho.

— Ela é o lado estragado da família. — Maria revirou os olhos, e Quim sorriu.

— Espera! — Apontei para ele. — Você fez uma piada? — Entre os irmãos os papéis se inverteram: Quim era todo sorriso alegres, e Maria estava sombria. — Mano do céu, tenho que ver a previsão do tempo, eu ia lavar roupa hoje.

— Engraçadinha. — Maria pediu licença para atender o telefone, que começou a tocar uma musiquinha, e saiu do quarto uns minutos, e Quim se dirigiu a mim. — Pode me dizer por que saiu correndo como uma doida?

Nem por todo dinheiro do mundo, confessaria que, na minha cabeça doida, criei um cenário de luta greco-romana na lama entre a loira e eu, por imaginar sobre o suposto noivado. Fiz a minha melhor cara de anja e disse apenas:

— Estava com dor. — Mostrei o meu braço com ataduras e quase dei um pulinho de alegria por ter pensado tão rápido.

— Você foi atropelada também?

Fiz que não com a cabeça.

— Deu tempo de pular para o lado, porém caí por cima do braço e deu nisso. — Aproximei da cama e me encostei nela, ficando de frente para ele. — Onde conseguiu as roupas?

— Meu cunhado trouxe, são dele. — Só poderia ser de outra pessoa, o meu Quim não usava algo neste estilo, meio surfista, bermuda de tactel cheia de cores?

— Eu tenho que ir. — Maria entrou toda agitada no quarto. — João caiu e bateu o queixo.

— Foi grave? — Quim perguntou. Fiquei pensando de quem diabos eles estavam falando. — João é um dos gêmeos dela.

— Eu não sei. Enquanto falava com ela, pude ouvir o choro pela linha. Ana disse que não foi grande coisa, nem está mais sangrando, mas...

— Vai cuidar dos terroristas. — Quim a cortou.

— Vou ligar para mamãe...

— Não se atreva! — Quim quase gritou. — Eu estou muito bem...!

Caracas, a mãe deles deveria ser bem ruim. Quim quase saltou da poltrona.

— O médico disse que você precisa de alguém te olhando, por causa da pancada na cabeça. — Fiquei olhando a interação dos irmãos, como se estivesse em um jogo de pingue-pongue.

— Mamãe, vai querer minha volta para a casa dela ou vai se mudar para a minha. — Eu vi o verdadeiro terror em seu semblante.

— Ainda vai demorar mais um pouco para você ser liberado, e tenho que ver o que está acontecendo em casa...

— Eu cuido dele.

Cara senhora boca, antes de sair falando qualquer coisa, primeiro pergunte para o cérebro se é certo. Obrigada, de nada.

Os dois irmãos olharam para mim, um aliviado e outro surpreso.

— Ai, Charlene, muito obrigada. — A loira veio me abraçar. Odiava abraços, mas aceitei, dando tapinhas no braço dela e torcendo para ela me soltar logo. — Não sei como te agradecer.

— Primeiro me chame de Chay e segundo me compre uma tonelada de chocolate por aturar seu irmão. — Fiz uma careta, e Quim bufou.

Maria riu, depois se despediu e saiu correndo para cuidar do filho. Ela tinha razão, precisávamos esperar os médicos trocarem de plantão para sermos liberados. Soube disso pela enfermeira que veio logo depois verificar os sinais vitais do ruivo delícia. Precisei estar munida de muita paciência para não arrancar do quarto a mocinha que flertava descaradamente com o meu ruivo enquanto aferia a pressão dele.

Depois, o plantonista do dia veio fazer outro exame. Fez inúmeras recomendações, e eu fiz questão de anotar no celular e fazer inúmeras perguntas. Não queria me garantir apenas nos meus treze anos de Grey's Anatomy, não dava para gritar “chame a cardio” se a coisa ficasse preta.

Pegamos um Uber para casa dele. Não acreditei, éramos quase vizinhos, tipo, só uma estação de metrô de diferença: eu, em São Judas, e ele, na Saúde. Comecei a rir dentro do carro.

— O que foi agora? — Quim me olhou como se eu fosse doida.

— Somos vizinhos de bairro, moramos tão perto, e nem sabíamos.

Aqueles olhos claros, que, juro, queriam desnudar minha alma, me aprisionaram por um momento. Fiquei quietinha, meu coração batendo a mil por hora, pois estávamos tendo um momento, gente. Quim colocou uma das minhas trancinhas atrás da minha orelha. Senti um arrepio por todo o meu corpo quando ele me deu um beijinho no pescoço. Mordi o lábio para não dar um gemido. Jesus, estávamos dentro de um carro, o homem não tinha decência não?

— Vai me dar banho de esponja, minha enfermeira?

Banho de esponja naquele corpinho delícia? Mas é claro, queria gritar para os quatro ventos. Apertei minhas coxas, senti as coisas ali embaixo pegarem fogo apenas ao pensar em ter Quim nu só para mim e finalmente saber onde ficava e o que era a bendita tatuagem.

— Vou pensar em seu caso. — Disse apenas, me fazendo de difícil, empinei o nariz e olhei para o lado, Quim levou sua grande mão para o meu pescoço e o acariciou. Os bicos do meu peito ficaram duros, respirei fundo.

O carro parou na frente de um prédio pequeno, acho que tinha no máximo uns cinco andares. Ajudei Quim a descer do veículo e depois fomos para a residência dele, um lindo apartamento todo arrumadinho. Cara, tinha que ser a casa do Quim! Percebi ali, na soleira da porta, como éramos diferentes. Ele todo impecável, e eu toda bagunceira, ele branco, e eu preta, ele em forma, e eu não tão em forma assim. Não ia dar certo nossa relação.

— Vai ficar aí parada? — Quim sentou no grande sofá de couro preto. A decoração na casa seguia nessa cor ou em branco, enquanto na minha casa tinha um monte de cores espalhadas. Fechei a porta e entrei, olhando para todos os lados com medo de tirar algumas coisas do lugar. — Chay, vem aqui. — Olhei para a mão dele estendida e fui quase me arrastando até lá. — O que se passa nessa sua cabecinha bonita?

— Nada não...

— Conheço você muito bem para saber que isso não é verdade. O que foi?

Parecia uma criança que fez arte. Até as minhas mãos coloquei para trás.

— É que... — Hesitei, mas alguém podia me culpar? Como falar para o cara que você tem um tesão reprimido há quatro anos que vocês não dariam certo porque eram opostos? Suspirei profundamente e caminhei até o sofá, praticamente me jogando nele.

— Deixa eu simplificar as coisas para você. — E ele fez de novo.
Agarrou minha cabeça e me beijou.



CAPÍTULO 10

O celular no meio dos meus peitos começou a vibrar. Encerrei o nosso beijo tirando o aparelho do lugar, olhei o visor e vi o nome da Mônica.

— Sério, garota! – Falei quando atendi o telefone. – Eu te amo, muito mesmo, você é meu *crush*, mas vou dar na sua cara quando eu te encontrar.

Quim gargalhou ao meu lado e tomou o celular das minhas mãos. Fiquei olhando para ele, chocada. Esse cara na minha frente parecia uma alienígena. Onde estava o meu ruivo todo caladão?

— Oi, Mônica. – Ele escutou por uns instantes e depois voltou a falar: – Eu estou bem, Chay me prometeu um banho de esponja e uma massagem para eu relaxar.

— Não prometi massagem nenhuma. – Tentei pegar o telefone, e ele virou de lado, me dando as costas.

— Pode deixar. Vou falar para ela. – Ele desligou o telefone e jogou o aparelho no outro sofá. – Mônica disse que você precisa cuidar bem de mim, me dar carinho, beijinhos e banhos de esponja.

— Ela não disse isso. – Olhei para o sorriso maroto dele e quis apertar as bochechas em vingança, mas ele estava muito machucado. – O

médico disse – limpei a garganta e tentei fazer voz de homem – *Senhor Joaquim precisa descansar e se recuperar, nada de esforço.* – Olhei com seriedade para todo o corpo dele. – Não pode fazer esforço.

— Por isso vou ficar sentadinho, como um bom garoto, enquanto você me dá banho de esponja. – A cara de menino inocente que ele fez deu vontade de beijar.

E foi o que eu fiz, beijei com vontade.

— Vamos, cabeça de fósforo, vou lavar esse seu corpinho delícia.

Confesso, na hora fiquei com muita vergonha, a Chay debochada e bocuda sumiu e deu lugar uma estranha acanhada. Fomos para o banheiro do quarto dele, e levei junto uma das cadeiras de madeira da cozinha que havia pegado antes. Tivemos que colocar um saco plástico em sua mão. Os oito centavos (*Na capital de São Paulo, as sacolas plásticas nos supermercados são pagas, devido a uma lei municipal.*) pagos no Carrefour foram bem aproveitados, já que a sacolinha protegeu bem o gesso.

Realmente não dava para a gente brincar muito: um lado de Quim estava todo roxo. Tive que ajudá-lo, com muito cuidado, a tirar a camiseta, um braço de cada vez e depois a cabeça. E, pela milionésima vez, minha cara foi ao chão. As costas dele eram todas fechadas por uma tatuagem de asas tribais.

— Você é um anjo?

Quim, sentado na tampa da privada do banheiro, me puxou para o seu colo.

— Gostou? – Perguntou quando montei no colo dele.

— Se eu gostei? – Ele estava de *zoação* com a minha cara. – Eu quero lambar ela inteirinha. Melhor ainda, quero jogar sal e beber tequila com ela.

— Minha adorável louquinha. — Ele me deu um beijo no pescoço enquanto, com a mão boa, passeava por dentro da minha blusa. — Tira para mim.

Eu obedeci e esperei a reação dele. Quim nem reparou nos meus culotes ou nas gelatinas dos meus braços, só tinha olhos para os meus seios. Agradei mentalmente para a Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas porque eu tinha colocado o conjunto vermelho rendado. Uma coisa era certa, eu sempre andava de calça jeans, camiseta e tênis, mas por baixo daquilo, sempre havia uma lingerie bem feminina, de seda, cetim, rendas, etc.

— Lindos, sempre tive vontade de prová-los. — Ele deu um beijo no vale entre meus seios. — Já sonhei muito com eles.

Calma, vamos por partes, bonitão! Sou a fantasia daquele gostoso?

— Já bateu uma pensando neles? — Filtro, Chay, cadê a porra do filtro da sua boca?

— Com toda certeza. Você é meu doce tormento, quatro anos de pura fantasia. — Mirei aqueles olhos claros e vi o que eu sentia refletido ali. O seu desejo era o meu, e o meu, o dele.

— Foco no banho de esponja, Quim. — Dei um beijo na ponta do nariz dele e levantei. Alguém tinha que ser o adulto responsável nessa história. Era uma droga que sobrou logo para mim. Caminhei até o chuveiro e abri o registro. — Não vou poder tomar banho com você para não molhar minhas tranças...

— Tem toucas de plástico debaixo da pia. — Olhei para ele e vi o sorriso sapeca em seu rosto.

Obrigada, Nossa Senhora dos Remédios Doidos, seja lá o que deram para ele no hospital, algo o transformou de tal maneira, que eu preferia nem comentar em voz alta, para não estragar as coisas.

— Maria adora deixar suas tralhas por aqui. — Ele deu de ombros e fez uma careta de dor.

— Certo. — A verdade era que as tranças demoravam muito para secar e se não secasse direito, ficaria cheirando a cachorro molhado. Uma desvantagem do nagô. Todo sábado de manhã, acordava cedinho e as lavava. Você deve estar se perguntando “mas uma vez por semana somente?” Sim, pois o cabelo ficava dentro do material sintético, então o banho era praticamente para lavar o couro cabeludo.

Guardei as minhas tranças dentro da touca achada no armarinho. Ajudei Quim a tirar o resto das roupas e, sim, o senhor XL era verdadeiro e estava gloriosamente em seu ponto alto. Quim não tinha problemas com sua nudez e, como um bom menino (sério, era difícil de acreditar que, de todos os desenhos do mundo, ele foi escolher logo asas nas costas), sentou na cadeira e me esperou.

Tirei as minhas roupas tentando fazer um strip-tease, mas ri muito, fazendo ele rir também, ou seja, nada sexy. Ainda mais porque cantarolava a musiquinha da Pantera Cor-de-Rosa.

Mais uma coisa a agradecer a Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, quer dizer, duas coisas: a primeira é que eu tenho o fluxo de até três dias, então a Senhora Vermelha fora embora na quinta-feira. A outra coisa é que eu lembrei de me depilar ontem.

— Quero você... — Coloquei o dedo na boca bonitinha do ruivo, o calando.

— Banho de esponja, Quim. Somente isso.

A cara de desgosto dele me deixou nas nuvens, este homem gostoso me queria. *Ai, cacete.*

Não tinha esponja, então foi com a mão mesmo. Passei por todo seu corpo, bem lentamente, cobrindo cada pedacinho delicioso, enquanto ele roubava beijos cada vez mais pecaminosos. O homem, com toda

certeza, parecia um especialista em beijos, minha nossa. Quando chegou no “gigante pela própria natureza”, eu sussurrei em seu ouvido:

— Acho que estou te devendo uma massagem também. — Chupei o lóbulo de sua orelha enquanto o massageava. O banheiro foi preenchido por seus gemidos. Ah, cara, aquilo me deixava quente também. Nada como ter tanto poder sobre um homem, vê-lo se desmanchar de prazer significava muito.

Quim deve ter adivinhado o meu estado de loucura ali nos países baixos, porque enfiou a mão no meio dos nossos corpos e começou a me tocar também. Não tenho vergonha nenhuma de dizer que eu gozei em poucos minutos. Foi só ele colocar dois dedos em minha entrada (eu estava na seca há um bom tempo), começar o movimento de vai e vem enquanto sugava um dos meus mamilos, que explodi em várias partículas.

Quando estava voltando da minha viagem deliciosa, senti um jato quente em minha barriga. Meu quindim estava gozando também. Não sei por que as pessoas usam drogas, é só ter um ruivinho delícia que você já curte um barato.

Ficamos os dois abraçados por um momento, tentando recuperar o fôlego. Minha mente de repente começou a divagar: sério, o homem não entrou em mim, e já foi aquela loucura, imagine quando o ato completo acontecer?

Desliguei o registro e olhei para a cara vermelha dele.

— Hora de você ir para cama. — O sorriso animado mostrava que Quim imaginava ser um convite. — Só você.

— Por quê?

— Você vai descansar como o médico falou e quando ficar bom, prometo que dou para você até você cansar. — Quim quase engoliu a própria língua. — Fechado?

— Sim, senhora. — Balançou a cabeça, animado.

Eu estava com a razão. Ele queria mais, eu também, porém, ele sofrera um acidente e precisava dormir.

Dei um beijinho de leve em seus lábios, o levei para cama e dei um remédio para dor. Ele queria se fazer de machão, mas a pancada foi feia. Mal eu tinha terminado de organizar o banheiro, e ele já estava dormindo. Olhando para Quim assim, até que ele realmente parecia um anjinho. Mas, como eu sempre digo, Lúcifer também foi anjo, e um dos mais belos.

Fucei nas coisas dele dentro do guarda-roupas – até ali era tudo organizado por cores, as mais sóbrias possíveis – até achar uma blusa que me servisse. Peguei uma das cuecas boxer dele, que ficou um shortinho em mim, e a camiseta, um minivestido, e fui para a cozinha preparar algo para ele comer quando acordasse. Ao chegar na sala, a campainha começou a tocar desesperadamente. Abri a porta com tudo e já ia xingar, quando uma senhora loira entrou, quase me atropelando, no apartamento.

— Cadê, onde está meu bebê? – Fiquei olhando para ela sem entender nada. O que aquela grã-fina vestindo terninho risca de giz estava dizendo? E as pessoas ainda me chamavam de louca.

— Que bebê? – Perguntei.

— Joaquim.

Mano, juro, naquele momento, o meu único pensamento foi tirar sarro da cara dele.

— Acabei de colocá-lo na cama, dei remédio, e agora ele está dormindo. – Eu me senti uma daquelas babás americanas dos filmes, me reportando para a mãe, só que o bebê em questão tinha quase dois metros de pura gostosura.

— Oh! Como ele está? O que o médico disse? Vai ficar com sequelas? Ai, meu Deus! – A mulher começou a se abanar.

Fechei a porta do apartamento, caminhei até ela e coloquei as mãos em seus ombros ossudos, repetindo tudo que o médico me dissera. Ao

terminar, perguntei:

— Quer ver Quim? – Comecei a sentir pena dela, pois realmente estava muito agitada e toda preocupada. Será que quando for mãe eu serei assim também?

— Sim, por favor. – A mulher não parava de mexer as mãos e se tremia toda.

— Ele está no quarto dele dormindo, vá lá vê-lo.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, mas não saiu do lugar. Tive que dar um empurrãozinho para que começasse a andar.

Enquanto a mãe de Quim ia ao quarto, fui fuçar nos armários para poder encontrar algum chá para ela tomar. Achei uma lata com vários daqueles chás chiques com o nome em inglês. Coloquei água para ferver. Olhei para o meu vestuário e gemi, não era o meu melhor momento, mas fazer o quê?

— Esse Quim não existe... – Resmunguei ao achar a geladeira e armários abastecidos com coisas, pasmem, em ordem alfabética. O cara tinha TOC, a minha diabinha apareceu gritando no meu ouvido, para bagunçar tudo.

— Ele está bem. – Levantei a cabeça da geladeira ao escutar a mulher falar. Ela me olhava como se fosse um bicho estranho.

— Está sim, foi só um grande susto. – Tirei tomate e cebola de lá e parei em frente à mulher. – Que tal fazermos algo bem levinho para ele comer quando acordar?

— Eu gostaria muito, Quim adora purê de batata. – Ela continuava a me analisar, me preparei para o julgamento que provavelmente estava por vir. Não era boa com mães, as poucas que conheci não gostaram de mim, então fiquei com a coluna reta e segurei a respiração. – Eu não sei seu nome.

— É Chay, quer dizer, Charlene. — Com as mãos ocupadas, não sabia se deixava os ingredientes na pia ou se estendia a mão para a senhora.

— Por causa da princesa? — A família de Quim tinha um jeito de me deixar de boca aberta. Balancei a cabeça afirmando. — Faz sentido, você é linda como a princesa de Mônaco.

Juro que esse foi o melhor elogio que recebi em toda a minha vida. Quase saí voando como um balão.



CAPÍTULO 11

Eu não sei se foi o cheirinho maravilhoso de comida, afinal, modéstia totalmente à parte, eu mandava bem na cozinha, ou nossas vozes animadas tagarelando sem parar – sério, a mãe de Quim fala para caramba – que acordaram o ruivinho, mas, de uma hora para outra, me virei e vi o gato sorrateiro todo lindo e gostoso parado na soleira da porta, olhando com cara de pânico para a gente.

— Bebê! – Fátima, a mãe dele, deu um gritinho alegre e foi ao seu encontro. Juro, por um instante, achei que a mulher se jogaria em seus braços, todavia ela parou a centímetros dele e apenas tocou em seu rosto. Um tanto quanto baixinha perto do filho grandão, precisou ficar nas pontas dos pés para alcançá-lo. – Meu pobre bebê, olha só o que fizeram com você.

— Eu estou bem, mãe... – Quim ganhou um senhor de um beliscão no braço, que fez a minha vontade de rir aumentar uns cinquenta por cento.

— Está bem?! – A mulher passou de doce para o Godzilla com dor de dente em meio segundo. – Por que eu tive que saber pela sua irmã que você sofreu um acidente? Oh, meu Deus, o que fiz para merecer um filho tão ingrato? – A mulher jogou os braços para cima de modo cômico.

— Realmente, Quim, que falta de consideração. – Claro que eu iria piorar a situação dele em vários por centos. – Se fosse a minha mãe, não

teria feito isso. – Não teria mesmo, quando me machuco, só quero ela. O olhar mortal de Quim não me calou. – Coitada de Fátima.

— Isso mesmo, coitada de mim. – A mãe dele me olhou de modo gratificante. – Eu devo agradecer a essa jovem adorável por cuidar de você.

— Maria não tinha nada que falar para você. – Quim fechou os olhos por um minuto, medindo as palavras. – Não foi nada de mais, mama, não queria te preocupar à toa.

— À toa? – Fátima virou para mim, procurando apoio. – Você acredita neste menino, Chay? – Eu ia dizer que ele não era mais um menino, já que tinha provas muito táteis deste fato, todavia, preferi ficar quieta sobre isso.

— Ele é assim mesmo, um desnaturado. Mas não se preocupe, Fátima, de agora em diante, vou manter você a par de tudo, já que trocamos os nossos números do *Whats*. – Fui até ela e a abracei, abrindo uma grande exceção para a minha aversão a abraços só para tirar o ruivo do sério. Por cima do ombro dela, dei o maior sorriso para Quim. A veia saltando sem parar em sua testa indicava o estado de humor. Possivelmente, eu estaria em grandes problemas, mas adorava viver perigosamente.

— Que cheiro é esse? – Quim perguntou, tentando mudar de assunto.

— Fizemos o almoço para você, meu bebê. – Fátima virou para ele e pegou em sua mão, o puxando para a cadeira. – Sente, que vamos te servir.

— Fizemos um purê de batatas e macarrão de preguiçoso. – Quim olhou para mim em dúvida, e eu assumi meu tom de professora e comecei a explicar. – É macarrão feito na panela de pressão, mas prefiro chamar de preguiçoso, porque você taca tudo na panela e em cinco minutos está pronto.

— É uma maravilha, querido. – Fátima colocou o prato na frente dele e, para ajudar, eu coloquei a panela com o purê em cima da mesa. Ela

veio logo em seguida, servindo colheres atrás de colheres de purê. Fiquei me perguntando como Quim mantinha a forma se ele comia tudo aquilo. – Vou fazer para o seu pai quando chegar em casa.

Minha criança interior estava muito alegre e travessa, então agarrei um pano de prato, me coloquei atrás da cadeira de Quim e o amarrei em seu pescoço.

— Para o bebê não sujar a roupinha. – Sussurrei em seu ouvido. Com a mão boa, ele me deu um beliscão na perna.

— Quer que eu te dê na boca? – Ao escutar essa frase, pedi licença e corri para o banheiro, só para rir. Sério, quase fiz xixi nas calças de tanto rir. O tão sério Quim sendo tratado como um bebezinho foi o melhor presente de Natal que eu tive.

Quando voltei para a cozinha, Quim e a mãe estavam brigando para ver quem ia operar o garfo. É claro que, discretamente, tirei uma foto e mandei para Mônica.

Chay: *“A mãe de Quim é um barato”*

Mônica: *“Ai, meu Deus, aquilo é um babador?”*

Chay: *“Isso foi eu, kkkkkk, não ficou uma gracinha?”*

Mônica: *“Miga, você é louca”*

Chay: *“Você me ama”*

Mônica: *“Com a mãe dele aí, vocês nem fizeram coisinhas”*

Chay: *“Antes dela chegar, eu dei um banho de esponja nele”*

Mônica: *“Nãooooo, conta tudo”*

Chay: *“Única coisa que posso te afirmar é que ele realmente é o senhor XL”*

Mônica: “Ai, meu Deus”

Chay: “Não chegamos as vias de fato, porque eu não quis. Afinal, ele está machucado”

Mônica: “E o que vocês fizeram?”

Chay: “Só nós tocamos e chegamos em um orgasmo demolidor”

Mônica: “Sabia que quando vocês dois comessem, nem todo o corpo de bombeiros do Brasil iria conseguir apagar o fogo”

Chay: “Exagerada. Doida, tem como você me trazer algumas roupas aqui na casa do Quim?”

Mônica: “Claro! Me passa o endereço”

Voltei o meu olhar para a cena em minha frente. Quim finalmente conseguiu a posse do talher e estava tentando comer com o braço bom, que não era o seu dominante, possivelmente era o direito ou esquerdo. Quando somos destros, qual é o lado dominante mesmo? Ah, sei lá. A maldita dislexia não me deixava saber. Enfim, o ruivo estava sofrendo, e enquanto Fátima se virava para espremer algumas laranjas, discretamente lhe ofereci uma colher, ou então o bichinho ficaria até amanhã para comer.

— Mônica vai passar mais tarde aqui para me trazer algumas roupas. — Informei para ele.

Fátima terminou o suco e o colocou ao lado do prato. Enquanto ela alisava seu cabelo, eu limpei o cantinho da boca de Quim, sujo de massa de tomate. Aquela era uma situação cômica.

— Aí, que maravilha. — Fátima bateu palminhas. — Fico muito aliviada que você vai cuidar do meu menino. — Ela olhou para o teto e complementou. — Obrigada, Deus, por escutar as minhas preces e colocar uma boa moça no caminho do meu filho e não aquelas meninas de cabeças ocas que ele sempre arruma.

Olhei para o teto e senti o meu rosto arder. *Obrigada, Deus por me fazer moreninha e não mostrar a vergonha que acabo de passar*, pensei.

— Sem comentários. — Quim resmungou entredentes.

Fátima ficou mais um tempinho, só foi embora depois de colocar Quim na cama, me rendendo mais umas fotinhos e muitas risadas. Acompanhei a senhora até a porta e, depois de assegurar que ia mantê-la informada de tudo, ela foi embora. Cuidei da cozinha e fui ver meu paciente.

Quim estava acordado e olhando para o teto. Entrei no quarto e fui até a cama, engatinhei pelo colchão e deitei de bruços com o queixo em cima das mãos e balançando as perninhas. Esperei até ele olhar para mim.

— Você não deve incentivar a minha mãe. — Quim resmungou. — Ela já é louca por si só.

— Fátima é um amor, quindim. — Sorri para ele. — Tivermos altos papos, ela me contou muitas coisas sobre a sua pessoinha.

— Jesus!

Agora gargalhei de verdade. Ele parecia realmente em pânico.

— Ela achava que você tinha algum problema. — Quim olhou para mim, e vi algo no seu olhar.

— Sim. Fiz um monte de exames quando pequeno, até ela ficar satisfeita de que eu não possuía traços do aspecto autista.

Tentei imaginar um Quim em miniatura, mas era impossível.

— Porque você sempre foi calmo, centrado e introvertido. — Queria dizer um pé no saco, às vezes, mas fiquei caladinha.

— Sim. Sempre gostei da calma e da ordem. — Ele deu de ombros e fez uma careta.

— Está com dor? – Perguntei, preocupada.

— Não, só incomoda um pouquinho.

Revirei os olhos e levantei da cama para buscar mais remédio. Trouxe até ele um comprimido de paracetamol e um pouco de água. Depois de ele beber, voltei a deitar ao seu lado.

— Acho que mereço mais beijinhos. – O ruivo colocou uma das minhas tranças atrás da orelha. Eu estava gostando muito daqueles carinhos.

— Devo chamar sua mãe? – Ri muito da cara dele enquanto me aproximava de sua boca. Trocamos vários beijos, e as coisas no quarto esquentaram muito, até a campainha tocar e nos interromper.

— Seja quem for, deixa lá.

Eu gargalhei, mas levantei da cama mesmo assim.

— Pode ser a dona Fátima de novo.

Saí correndo do quarto antes que o travesseiro jogado por ele me acertasse. Com um sorriso brincalhão no rosto, fui atender a porta. Do outro lado havia uma Mônica e um *Duuu* de cara amarrada.

— Te dou todo o apoio para você dar na cara dele. – Mônica foi logo dizendo antes de entrar como um vendaval no apartamento.

— Sua amiga é louca. – Foi a vez do Duuu falar antes de entrar.

Fechei a porta atrás dele e encarei os dois.

— *Duuu*, você tem meio segundo para dar uma boa explicação antes que eu parta sua cara em duas. – Analisei o engenheiro dos pés à cabeça, hoje em trajes informais composto de jeans e camiseta. Parecia até apresentável, mas nada como o meu Quim... Assim que o pensamento cruzou o meu cérebro, me dei conta da comparação. Nunca fiz isso, e de uma hora para outra, estava comparando o Quim com outro homem. Será que realmente estava amando ele?

— Como é que é? — *Duuu* perguntou, dando dois passos para ficar mais longe de mim.

— Eu não sei o que você fez, mas está errado. — Disse apenas. Por mais que Mônica pudesse estar errada, ênfase no poderia, o *Duuu* merecia apanhar só para virar homem.



CAPÍTULO 12

— Mas o que está acontecendo aqui? – Quim veio do quarto e nos olhou com cara de poucos amigos. Agora, não sei se foi porque nos interromperam ou por causa da discussão dos nossos amigos.

— O *Duuu* é um babaca. – Apontei para o moreno, depois cruzei os braços e comecei a bater o pé. – Vou dar na cara dele qualquer dia desses para ele aprender.

— Eu não fiz nada. – *Duuu* olhou de mim para o Quim. – Acho que depois de conhecer a história, você vai ficar do meu lado.

— Eu não acredito no que estou ouvindo. – Mônica estava fumegando de raiva. Seja lá o que o paspalho tenha feito, foi grave.

— Meu Deus, Eduardo, o que você fez agora? – Quim questionou. Ele foi se sentar no sofá, e eu o vi trincando os dentes. Até o presente momento, não houve um minuto sequer de descanso real, e isso me preocupava.

— Você deveria ser meu amigo, onde está a irmandade dos homens? – Olhei para cara do idiota e resolvi responder essa:

— Ela vai até o momento em que você empata uma foda. – Tomei o braço de Mônica e a puxei em direção ao quarto de Quim. – Vamos,

Momo, não se junte com essa gentinha. – Empinei meu nariz de batata e saí pisando duro.

— E eu ainda saio perdendo nessa história. – Ouvi Quim resmungando.

Ao ouvir isso, voltei meus passos.

— Sai mesmo, se eu estiver puta, nada de coisinhas. – Claro que não faríamos nada, por causa do estado dele, mas me deixa pensar que havia alguma esperança.

— Você não presta, Chay. – Mônica me disse ao chegarmos no quarto. Ela me deu a bolsa que carregava, peguei de sua mão e joguei todo o conteúdo em cima da cama. – Trouxe o suficiente para três dias e uma roupa para o serviço. Vai ficar o final de semana todo aqui, né?

— Vou sim. O pior já passou, mas é bom ficar de olho no seu moço. – Peguei uma muda de roupa e olhei para ela. – Agora me conta, o que está acontecendo?

— O babaca do Eduardo acha que eu estou tendo um caso com Quim. – Estava tirando a camisa e me enganchei toda quando ouvi o que Mônica falou.

— Como é que é? – Perguntei depois de finalmente tirar a roupa e colocar o vestidinho solto que ela trouxe. Dei aquela ajeitada básica nos meninos, para encaixá-los no decote, e finalmente olhei para minha amiga.

— Eduardo disse que a empresa nunca iria pagar táxi para funcionário ficar uma ou duas horinhas a mais na empresa. – Parando para pensar, Duuu tinha razão. – E nenhum patrão fica esperando táxi com funcionário e dando abraços de despedidas.

— Você falou para ele que *tu* é a garota-polvo que adora um abraço? – Sorri para Mônica, tentando segurar a gargalhada.

— Meu Deus, Chay. Só você. — Mônica mostrou a língua para mim. — Me diga, de onde ele tirou essas coisas? Quim é mulher para mim, vocês dois estão em um chove-e-não-molha há quatro anos. Mesmo que ele tivesse dado bola para mim, você acha que ia passar por cima de você?

— Não sei de onde ele tirou isso. E com toda certeza, não, somos mais que amigas. — Já tive prova disso para afirmar. Uma vez, na balada, fiquei de olho em um carinha, e ele ficou de olho na Mônica. Ela disse não para ele, nós duas saímos de lá, paramos no McDonald's e terminamos a nossa noite na batata frita. — Talvez eu saiba o que está acontecendo. — Olhei para os meus pés, envergonhada.

— Charlene, o que você fez? — Vi o pezinho dela batendo sem parar.

— Talvez... Assim... O Quim esteja fazendo isso porque, assim... sabe como é...

— Chay!

— Não briga comigo, mas eu contei para ele sobre o Bruno! — Falei tudo em um fôlego só.

Depois de minutos em silêncio, Mônica explodiu:

— Inacreditável, Chay! Como você pôde fazer isso comigo? Eu contei em segredo para você, e você me traiu! — Olhei para a cara dela ficando vermelha de raiva. Eu sabia que, quando ela soubesse do que fiz, ficaria chateada.

— Mônica, entenda...

— Entenda uma merda! — Mônica saiu batendo o pé. Fui atrás dela para tentar me explicar. — Você me traiu, eu confiei em você, e me traiu. — Chegamos na sala, e os meninos nos olharam com espanto. — Só bastou uma foda, e você já foi falando todos os meus segredos para ele?

— Não foi assim. — Sei que tinha pisado na bola feio, mas ela estava sendo injusta, né? Por mais reservada que fosse, aquela história não era brincadeira. — Eu estava preocupada com você...

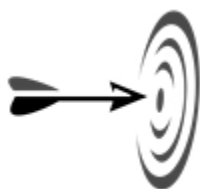
— Eu não preciso de amigas traíras como você. — Aquilo magoou, muito. Se ela tivesse dado um tapa na minha cara, não teria doído tanto. Mônica caminhou até a porta do apartamento, a abriu e bateu com força quando saiu.

Eu olhei para o Eduardo e, com a voz embargada, disse:

— Obrigada por ser um idiota babaca, está feliz agora? Isso é tudo culpa sua. — Virei de costas e voltei para o quarto. Chegando lá, me joguei na cama e cobri a minha cabeça.

Não consegui chorar. Acho que teria sido melhor se tivesse conseguido, mas sou daquelas pessoas que não choram. Na verdade, tenho um pouco de problemas com sentimentos, ainda que todo mundo pense que eu seja muito sentimental por ser escrachada e tudo mais. A verdade é outra, sou estragada, isso sim.

Não sei classificar os meus sentimentos agora. Pena? Dor? Mágoa? Raiva? Medo? Tristeza? Eu sei lá. Tudo que eu queria era ajudar, mas fiz com que minha amiga me odiasse.



Acabei cochilando, e Quim veio me acordar quando o quarto estava completamente escuro. Olhei para ele por uma fresta do cobertor, por um momento, e depois virei para outro lado. Não queria conversar, só queria ficar quietinha no meu canto.

— Ei! Quer falar sobre o que houve? — Ouvi a voz de Quim e cobri ainda mais a cabeça. — Vou pedir comida para nós, quer alguma coisa?

— Voltar no tempo e manter a minha boca fechada... — Resmunguei. Só me ferro quando tento ajudar, é sempre assim. Deveria ser egoísta, não pensar em ninguém a não ser eu mesma.

— Você estava, ou melhor, está preocupada com uma amiga...

— E o que isso me resultou? — Tirei as cobertas da minha cabeça. — Perdi a minha única amiga. Porque fui estúpida o bastante achando que eu estava ajudando. Mas não. — Balancei a cabeça, fazendo minhas tranças irem de um lado para outro, e as lágrimas contidas de repente começaram a cair.

— Você teve boas intenções...

— Como dizia minha mãe, de boas intenções o inferno está cheio. — Disse entre soluços. Meu corpo sacudiu, e não consegui parar de chorar. Senti Quim atrás de mim e depois senti seus braços ao meu redor. Deitei a minha cabeça em seu ombro e fiquei lá, lamentando minha idiotice. — Acho que estou com fome... — Disse depois de muito tempo. Minha voz estava rouca.

— E o que você quer comer, minha pequena Chay? — Ele passou a mão boa em meu rosto, enxugando minhas lágrimas. Deveria estar pavorosa, com a cara inchada, e torcia para que não começasse a sair ranho do nariz.

— Qualquer coisa. Contanto que, no final, eu ganhe chocolate.

— Eu já deveria ter imaginado. — Quim me deu um beijo na testa. — Eu tenho um estoque no escritório por causa de vocês duas.

— Onde? Não achei no dia que fiquei lá.

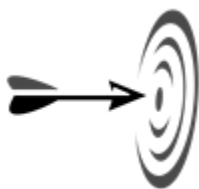
Parando para pensar no fato mencionado, lembrei que sempre que discutíamos feio por alguma bobagem, o que era muito frequente, Quim aparecia com algum doce. Apesar do presente vir sempre com o comentário: “um doce para adoçar a fera”, e isso dava mais vontade de bater nele.

— Então a senhora vasculhou minhas coisas? – Quim perguntou com um meio sorriso.

— Err... então... – Comecei a brincar com os botões da camisa dele. – Só dei uma olhadinha nas gavetas, à procura de cliques. – Fiz igual ao Gato de Botas, aquela carinha fofa dele, sabem?

— Cliques, sei... – Quim gargalhou. – Mas, respondendo a sua pergunta, o estoque está escondido.

— Você é tão malvado. – Fiz biquinho.



Passamos o final de semana juntos, indo da cama para o sofá, assistindo qualquer besteira na televisão, rindo, conversando, trocando beijos e carícias, nada de sexo (ele não estava podendo com isso, ainda que tenha tentado, fui bem firme quanto a isso). Descobri que, apesar de termos bastante coisa em comum, teria um grande trabalho para que ele entrasse no mundo nerd. Ainda não acredito que não viu nem o primeiro filme do Homem de Ferro. Absurdo.

Por outro lado, teria que aprender algumas coisas também. Por exemplo: carros. Quim era aficionado por carros, mal pude crer quando entrei no quarto, que deveria ser de hóspedes, e vi a coleção de miniaturas. Onde deveria estar a cama, tinha uma mesa com um computador, e a parede oposta estava repleta, do chão ao teto, de prateleiras com carrinhos de vários tipos e tamanhos.

Na hora, pensei que minhas *action figures* (São bonecos, réplicas de personagens de HQ, filmes, seriados, etc). ficariam perfeitas ali também.



CAPÍTULO 13

— Ei, mocinha! – Na segunda-feira, a menina da recepção começou a acenar como doida de trás do balcão. – Pode fazer um favor para mim? – Ela me perguntou quando cheguei perto. Apontando para o grande vaso com flores azuis, ela continuou: – Aquele entregador nojento deixou isso para sua amiga, pode entregar?

Fiquei tentada a dizer não, afinal Mônica não estava falando comigo porque me intrometi. Suspirei e peguei o arranjo de flores com a minha mão livre, na outra eu levava pães de queijo da Casa do Pão de Queijo que tinha ali, na galeria. Estava tão distraída, que não reparei no cara que estava junto comigo no elevador.

— Qual andar? – Olhei para o dono da voz rouca e meu queixo foi parar no chão. Um loiro alto, mais alto que eu, então era bem alto, já que eu tenho um metro e oitenta e três de altura, estava parado ao lado do painel. Lindo, cabelo em estilo militar, cortado parecendo uma escova de dentes, olhos azuis meio acinzentados. O nariz era meio torto, indicando que já fora quebrado, a boca curvada para baixo indicava que não sorria muito. Seu tom de pele era daquele branco dourado, como se passasse algum tempo ao ar livre. Suas roupas eram casuais: jeans e camiseta, ambos pretos. Só que não tinha sardas no nariz e acho que era meio vesgo. Apesar de bonito, não era meu Quim

— Décimo oitavo.

Sabe o que é engraçado? Não senti nada pelo cara gostoso. Sabe quando você passa por uma propaganda de cueca, vê aquele cara *malhadão* e pensa “homão bonito” e continua seu caminho sem se importar? Era este o caso. Acho que Quim afetou meu cérebro.

— Você conhece uma pessoa chamada Charlene? – O loiro me perguntou.

— Depende. – O que será que o adônis queria comigo? – Se for cobrança, não conheço. Se for para relacionamento, chegou tarde, meu chapa, ela está comprometida até o último fio de cabelo com um ruivo chato e meio idiota.

— Não é nem uma coisa e nem outra. – Olha só, o senhor soldado universal deu um sorriso, se você considerar um levantar de lábios um sorriso.

— Eu sou a tal. – O elevador abriu as portas, e ele, muito cavalheiro, as segurou para mim. – Mas se você me chamar de Charlene, a chance de não te responder nada será maior.

— Como devo lhe chamar, senhorita? – Parei em frente a porta que dava para os escritórios, sem saber como as abrir, já que tinhas as mãos ocupadas.

— Segura isso aqui. – Dei as flores para ele enquanto pegava o meu cartão e dava acesso para nós dois. – Me chame de Chay.

— Certo, Chay. – O loiro me seguiu pelo corredor que separava a entrada de todas as baias. – Eu sou o detetive Michael...

— Você não parece um detetive. – Parei no meio do corredor, dei uma boa olhada nele e, só naquele momento, notei que por debaixo da jaqueta de couro também preta havia um volume a mais.

— Eu pareço com o quê? – Michael torceu a cabeça para o lado e me analisou também.

— Com um modelo da Calvin Klein. — Dei de ombros. — Ou Armani, porque você tem esse ar de perigo que parece que você é o próximo 007.

— Não, senhorita, sou só um policial do estado de São Paulo.

— É uma pena, já posso imaginá-lo em um terno ao lado de uma loira com um prédio explodindo atrás. — Continuei meu caminho até chegar à mesa de Mônica. Como sempre, ela já estava teclando em seu computador. — Tenho flores para você. — Falei ao parar ao lado da mesa dela.

Mônica me olhou com cara de poucos amigos e não disse nada. Quando apontei o loiro com as flores, notei que ela teve a mesma reação que eu, só que corou lindamente.

Obrigada, Deus, mais uma vez, por minha melanina ser alterada e não demonstrar o meu embaraço na frente de loiros bonitos, amém.

— Se contratar um gogo boy para me trazer flores azuis é sua tentativa de se desculpar, confesso que esperava mais de você. — Ela cruzou os braços e me encarou.

Eu tive que olhar para o loiro mais uma vez e gargalhei gostoso.

— Minha imaginação é melhor que a dela. — Apontei para Mônica. — Imaginei você como um agente secreto, e ela quer arrancar suas roupas.

Michael nos olhou algumas vezes, acho que tentando imaginar qual era a menos louca. Claro que era eu.

— Podemos conversar em algum lugar privativo sobre a noite de sexta? — Ele apenas perguntou.

— Sim. — Peguei as flores de suas mãos e as deixei na mesa. — Não vou pedir desculpas para você, quando a única coisa que quero é te manter segura. Se isso significa que quebrarei a sua confiança, não me

importa, prefiro você puta da vida comigo olhando de cara feia, do que puta da vida comigo puxando meu pé a noite como fantasma. – Não esperei ela falar, virei para o loiro e o chamei para a sala de Quim. Não ia levá-lo para o espaço minúsculo que era o quartinho em que eu trabalhava. – Por aqui, detetive.

— Muito bem, senhorita... – Michael começou a falar.

— Chay. – Eu o interrompi ao entrar na sala e fechar a porta atrás dele, indo me sentar na cadeira do meu ruivo.

Minha mente, por uns minutos, tentou encontrar o esconderijo dos doces, mas o soldado meu trouxe para realidade.

— Chay. Você poderia me contar exatamente o que aconteceu na noite de sexta? – Olhei para ele e comecei a falar tudo que tinha ocorrido, desde a minha saída da obra até a minha chegada ali, o acidente e tudo mais com o hospital. – Por acaso você conhece este homem? – Ele me mostrou a foto de um cara.

— Nunca vi mais gordo. – Na verdade, o cara não era gordo mesmo, era o típico cidadão brasileiro. Cabelos pretos, olhos escuros, pele dourada, só mais um cara que você via no metrô.

— Sabe o porquê de alguém querer atropelar o senhor Joaquim?

— Quim é um chato de vez em quando, eu já desejei passar o carro por cima dele algumas vezes. – Parabéns, boca, mais uma vez não conversou com o cérebro antes de falar. – Entenda, eu o amo, mas ele me deixa doida de vez em quando. Ai, meu Deus! – Tapei a boca com a mão. – Eu amo o Joaquim!

— Chay...

— Calma, preciso assimilar sobre a minha recém-descoberta. – Respirei fundo. – Pronto, passou meu surto. Não me leve a mal, não vou matar Quim mesmo ele me irritando.

— Entendo. — Eu esperava que sim, pois não queria ser acusada de atropelar meu futuro namorado.

Aliás, Quim não pediu nenhum compromisso da minha parte, será que ele quer um relacionamento aberto? Se for isso, vou passar por cima dele com o carro, com toda certeza.

— As câmeras do estacionamento pegaram tudo, porém o carro estava sem placa, então só temos o modelo.

— Será como encontrar uma agulha no palheiro. — O pouco conhecimento que obtive com Quim sobre carros este final de semana me disse o suficiente sobre achar um Honda Fit específico na maior capital do Brasil: muito, muito difícil.

— Pois é. — Michael tirou um papel do bolso e me entregou. — Caso você lembre de qualquer coisa, pode me ligar.

— Esse cara que você me mostrou — apontei para a foto que ele estava guardando no bolso outra vez —, é o motorista?

— Pode ser. — A cara dele não mostrava expressão nenhuma. Não dava para saber se estava mentindo ou não.

— Como você sabe? Pelo que me lembro, os vidros do carro eram escuros. — Toma essa, detetive Michael, você pode portar uma arma, mas eu sou formada em quinze anos de CSI.

— Isso é confidencial. — Cerrei as minhas mãos para não ter ideias de agredir um policial. — Tenha um bom dia, senhorita. Não hesite em me ligar se souber de algo.

— Sim, senhor! — Quase disse um “capitão” no final da frase. Porém, meu cérebro deve ter mandado um comando de “feche a boca”, e meus lábios ficaram imóveis.

O dia foi totalmente atarefado, não consegui nem parar direito para comer alguma coisa. O dono da empresa apareceu para conversar

comigo sobre sexta e avisar que o filho dele ficaria no lugar de Quim enquanto se recuperava. Adam era até legalzinho, mas não era o meu quindim, então não era a mesma coisa.

Falando no meu diabinho, passamos o dia todo trocando mensagem. Tudo começou com coisinhas sem importâncias e acabou com mensagens picantes. No final do dia, estava necessitada de tal forma que estava dando um foda-se para o tempo de convalescência dele. Naquele dia, eu ia atacar meu ruivo.

Era nisso que estava pensando quando saí do elevador no subsolo do prédio onde ficava o estacionamento. Meus planos eram passar em casa, tomar aquele banho gostoso, colocar aquela roupinha “eu sou safada e serei a sua sobremesa” (calcinha minúscula, corpete, meia-calça 3/8 com cinta liga e, porque a noite pedia, saltos) e finalmente me jogar nos braços do meu ruivo.

Todavia, o céu estava contra mim. Quando as portas abriram, dei de cara com Mônica e um cara. Conheço bem minha amiga para avaliar seu rosto e saber que algo ia mal, tipo, muito mal, aquele grau de malvadeza estilo Darth Vader, eu vou dominar o mundo. E o que você com uma boa amiga faz? Dá uma de louca.

— Finalmente achei você. — Apontei para ela. Mônica arregalou os olhos e começou a balançar a cabeça. — Não vai fugir de mim novamente.

— Chay, eu tenho que ir. — A voz de Mônica estava chorosa, isso ativou todos os sinos na minha cabeça.

— Nem pensar. — Caminhei até ela e cruzei os braços. — Não vai sair daqui até nós duas conversamos sobre sábado.

— Prometo que converso com você amanhã, mas hoje tenho que ir. — Não era minha amiga falando. Mônica é daquelas pessoas teimosas igual mula quando empaca. Ceder assim, facilmente, sem nenhum drama? Ela estava doente ou alguma coisa não estava certa.

— Não. — Olhei para o cara pela primeira vez. Era o homem da foto do loiro gostoso. — Vamos conversar agora.

— Você não a escutou? — O cara comum perguntou. — Ela vai sair comigo hoje à noite. Não é Mônica?

— Cara de bolacha. — A cara dele era meio redonda e me lembrava uma bolacha Traquinas. Era isso, a fome falando mais alto. — Calma aí, que estou tendo um papo com a minha amiga aqui, fica na sua.

— Eu acho que não. — O cara de bolacha tirou a mão que estava atrás de Mônica e mostrou para mim a arma que levava. Eu não precisava recorrer aos meus muitos anos de séries policiais para saber que estava na merda. — Ela vai comigo, você ainda tem algo a dizer?



CAPÍTULO 14

— Eu tenho sim. — Se este cara estava pensando que ia levar a minha amiga, que pensasse novamente. Hora de ligar o modo louco. — Você deve ser o tal de Bruno, o cara que precisa de uma arma para ter uma mulher.

— Chay! — Mônica gritou. — Por favor, cale a boca e vai embora.

— Nem pensar...

— Ela vem com a gente. — O tal de Bruno falou. — Ande, vadia gorda. — O cara veio para cima de mim e colocou o cano da arma em minha têmpora. — Ou então estouro seus miolos aqui.

— Em primeiro lugar — encarei ele nos olhos, tínhamos a mesma altura, então isso foi fácil —, vadia é a senhora sua avó. E em segundo, atira, vamos lá, covarde de merda, atira. Você se acha o valentão por estar com essa arma, não é? Mas no momento que você fizer isso, o barulho vai atrair um monte de pessoas e aposto que você não chegará nem na saída do prédio.

Aquilo era literalmente um tiro no escuro. O que eu disse não tinha nenhuma base teórica, provavelmente era uma mentira, mas seja lá de onde aquilo saiu, parecia estar dando certo, o tal de Bruno começou a ponderar minhas palavras. Ele tirou a arma da minha cabeça e apontou para a de Mônica.

— Anda, ou eu acabo com ela aqui mesmo, depois com você e por fim comigo. — Eu não duvidaria disso. Agora eu entendi totalmente a expressão “olhos de louco” só de observar o semblante dele.

— Tá certo, cara, você que manda. — Levantei os meus braços e comecei a andar.

— Você sabe dirigir? — Se eu dissesse que não, o que ele iria fazer? Como brinquei muito com a sorte, achei melhor só dizer que sim. — Pegue a chave. — Ele colocou uma chave em minha mão. O chaveiro tinha a foto de Mônica; o cara era doido. — Mônica, entre no carro cinza. À sua direita, Charlene. — Olhei para ele, espantada. — Sim, eu sei seu nome também. Você vai esperar nós dois entrarmos no carro e depois vai entrar ao lado do condutor.

Foi o que fizemos, Mônica ficou no banco do passageiro ao meu lado, Bruno atrás de nós. Pelo retrovisor, pude ver que ele apontava a arma para minha amiga. Liguei o Honda Fit e saí de ré da vaga. O carro tinha Sem Parar (*O Sem Parar é um serviço que permite que os carros passem pelos pedágios das estradas do Estado de São Paulo sem precisar parar, já que um equipamento abre automaticamente as cancelas. Estacionamentos de shoppings, aeroportos e algumas empresas também trabalham com o sistema.*) , então, nem precisamos validar o ticket de estacionamento. Saímos para as ruas escuras de São Paulo.

— Para onde você quer que eu vá? Já vou te falando que sou meio perdida com direita e esquerda. — Não queria que Mônica morresse porque entrei na direita errada.

— Você vai pegar o corredor Norte-Sul, depois a Av. dos Bandeirantes. — Ele não precisou continuar, já sabia para onde estava indo.

— Você quer pegar um bronze na praia? — Aquele caminho levava diretamente para a baixada santista.

— Eu tenho um bom lugar na Praia Grande para mim e Mônica...

— Como você é mão de vaca, poderia ser em alguma praia bonitinha do litoral norte, pelo menos. — Bruno rosnou, decidi manter a boca fechada.

Vamos lá, cérebro idiota, pense em alguma saída. Mas ele não estava cooperando, quanto mais os quilômetros iam sendo percorridos, mais sem alternativa eu ia ficando. Só quando chegamos na rodovia dos Imigrantes foi que, finalmente, um plano se formou. Era louco, a chance de sobrevivência era minúscula, mas eu torcia para dar certo.

— Mônica, sabe qual é o *hobby* do Quim? — Olhei de relance para ela e a vi com o cinto de segurança.

— Não sei. — A voz dela estava cheia de medo, e não podia culpá-la. Também estava me borrando.

— Carros. — Confessei para ela. Olhando no retrovisor, vi que Bruno não estava de cinto. — Eu passei o domingo todo escutando ele falar sobre carros.

— Nossa, que programa. — Mesmo na tensão que estava no carro, a minha amiga não deixou o seu de humor de lado. — Já posso imaginar você revirando os olhos para ele por isso. Você odeia carros.

— Odeio mesmo. — Olhei novamente para Bruno enquanto ia acelerando ainda mais. — Foi você que atropelou o meu Quim?

— Ele estava de olho no que era meu. — Bruno só tinha olhos para Mônica. — Pena que não morreu.

— Ai, caralho! — Exclamei puta da vida. — O que a Mônica tem, que todos os caras acham que ela está com o Quim? Porra, o ruivo é meu.

— Seu? — Bruno não deixou de prestar atenção na mulher ao meu lado, agradei aos céus por ele não ter percebido o velocímetro aumentar. — Eu o vi colocando Mônica no táxi a semana toda.

— Viu só? – Mônica gritou comigo. – Se você tivesse mantido a boca fechada, Joaquim estaria bem.

Ai, aquilo doeu. Eu coloquei Quim naquela situação por causa da minha grande boca, ele quase morreu por minha culpa. E talvez Mônica seguiria o caminho da luz por minha causa também.

— Eu achei que estava fazendo algo bom, não esperaria que o doente do seu ex achasse que Quim estava afim de você. – Apertei o volante com mais força, olhei o mostrador de velocidade e vi que atingimos a marca de cento e sessenta por hora. “Meu Deus, proteja a minha alma, amém”, fiz uma prece. – Sabe os filmes Velozes e Furiosos? – Perguntei para Mônica.

— Chay, estamos brigando aqui sobre a sua boca grande, o que o Toretto e companhia limitada tem a ver com a história?

— Sabe o Velozes e Furiosos 3...?

— O mais chato de todos que ainda por cima o Han morre? – Essa era minha garota. Fiz Mônica assistir a série toda várias vezes, porque, apesar de não gostar de carros, eu me amarrava em filmes com efeitos especiais bem mentirosos.

— Esse mesmo. Lembra do *drift*? – Levei a minha mão até o freio de mão enquanto segurava firmemente o volante com a outra.

— Lembro que você era doida para fazer aquilo. – Mônica fez que sim com a cabeça. Era loucura, eu sei, ela sabia também e estava me dando carta branca para fazer a loucura. Porque não tinha graça ser louca sozinha, precisava de amigas do lado.

— Vamos parar com a conversinha, vocês duas. – Bruno disse com raiva e cutucou a minha cabeça com a arma. – Diminua a velocidade, não quero nenhum policial atrás de nós.

— Sim, senhor. – Já estávamos em cento e oitenta por hora. – Sabe o que eu aprendi no final de semana? – Não esperei ninguém

responder. – Que o Fit é um dos carros no Brasil que tem *airbag* e que sempre que entramos em um carro, devemos colocar o cinto de segurança.

Ao terminar essa frase puxei o freio de mão ao mesmo tempo que pisava no freio. Bem diferente dos filmes, quando o carro só dá uma guinadinha para direita ou para esquerda, o Fit simplesmente foi para um destes lados e bateu no alambrado. Senti o impacto, o *airbag* foi acionado e explodiu em minha cara. Depois disso, eu fiquei de cabeça para baixo.

Sabe quando você vai em uma montanha-russa, pode ser a mais *zoadinha do Playcenter*, e mesmo assim seu estômago gruda nas costelas, você levanta as mãos para curtir o barato e a única coisa que escuta é o barulho do vento e os seus batimentos cardíacos a toda velocidade em seus ouvidos? Era mais ou menos isso que estava sentindo naquele momento. Em uma montanha-russa, girando e girando.

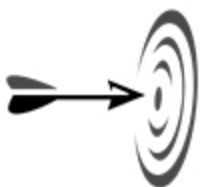
Sabe o que é mais assustador nisso tudo? Começar a cantarolar a música do Roberto Carlos enquanto capota o carro. Sabe aquela nas curvas da estrada de Santos? Essa aí. Eu nem gostava das músicas dele, mas veio em minha mente doida.

“Se acaso numa curva

Eu me lembro do meu mundo

Eu piso mais fundo, corrijo num segundo

Não posso parar”



Eu devo ter desmaiado em algum ponto, ou meu cérebro desligou por segundos, não sei, só sei que depois de girar como se estivesse em um

liquidificador, nós finalmente paramos, meu rosto estava acomodado em uma almofada gostosa e só queria dormir um pouquinho.

— Chay... — Dei um gemido em resposta.

Uma voz chata que não queria me deixar dormir estava lá, me chamando, e parecia a Mônica.

— Me deixa dormir, só mais cinco minutos. — Resmunguei de olhos fechados.

— O carro está pegando fogo. — Aquilo não fazia sentindo nenhum para mim. Que carro? Que fogo? — Precisamos sair daqui.

— Tá bom. Já vou levantar, mamãe. — Ela realmente estava me irritando. Respirei fundo, e o cheiro de fumaça fez com que eu tossisse uma daquelas tosses que você só ouve em pessoas idosas. Abri meus olhos e dei de cara com concreto e árvores. — Eita, porra! Onde estamos?

— Estamos prestes a explodir se você não mexer o seu traseiro gordo e sair de onde está! — Mônica gritou. Foi aí que tudo voltou na minha mente. Bruno, o carro, e minha louca ideia de fazer um *drift* em plena rodovia dos Imigrantes.

— Fique na linha, que sua ligação é muito importante para nós. — Respondi para ela enquanto tentava abrir a porta do condutor. — Estou presa.

— Me ajuda a tirar o cinto. — Mônica pediu. Virei para o lado e, com dificuldade por causa do *airbag*, consegui finalmente a soltar. Ouvi o barulho do metal retorcido protestando e, em seguida, minha amiga xingando como um caminhoneiro. Eu queria rir, mas aquilo doía para caramba. Momo quase nunca falava palavrão, a desbocada das duas era eu.

Depois que ela finalmente conseguiu sair do carro, foi a minha vez. Aí eu entendi o porquê de tantos palavrões. Meu corpo todo doía, tinha partes minhas que eu nem sabia serem passíveis de sentir dor. Eu senti algo

quente escorrendo pelo meu rosto, minhas mãos estavam em carne viva e quase preendi a boca da calça em alguma parte do carro.

Fiquei totalmente sem fôlego do lado de fora. O carro em minha frente parecia uma lata de sardinha completamente retorcida. Acho que minha prece deu certo, porque eu não vi nenhum flashback com toda a minha vida passando por meus olhos, nem a luz no final do túnel e muito menos o coro dos anjos. A não ser que isso fosse minha versão do inferno.

— Acho melhor saímos de perto deste carro. — Mônica me ajudou a levantar. Ela segurava um dos braços contra o corpo e, com o outro, me ajudava. Assim que coloquei o pé no chão, gritei de dor.

— Filha da puta, desgraçada! — Olhei para o meu All Star de caveirinha, todo sujo de sangue. — Acho que torci o pé.

— E eu o pulso. — Saímos mancando para um pouco longe do carro em chamas. Andamos pelo acostamento devagar. — Você viu o Bruno?

Olhei para todos os lados. A pista estava cheia de destroços do carro. Mas, bem distante de onde paramos, vi um amontoado, que parecia um corpo, bem no meio da pista central de descida.

— Acho que é ele. — Apontei.

— Será que está vivo? — Mônica fechou a boca, e um caminhão, daqueles tipo cegonha, veio com tudo e tentou frear, mas acabou passando por cima do amontoado.

— Se for ele, acho que não.



CAPÍTULO 15

Acabou que era realmente Bruno o amontoado na estrada. Pode me chamar de insensível, mas foi muito bem feito para ele, ninguém mexia com a minha amiga. Minutos depois da transformação em hambúrguer do cara mal, uma infinidade de viaturas chegou no local. Tinha de tudo, SAMU, Ecovias, bombeiros, me senti em um episódio de Grey's Anatomy.

Sentada dentro de uma ambulância enquanto o paramédico enfaixava a minha cabeça, vi um cara dos bombeiros caminhar com uma pá até o amontoado que uma vez foi o Bruno.

— Qual é da pá? – Perguntei para o careca de uniforme azul, o responsável por me atender. Mônica estava em outra ambulância, e eu não sabia nada sobre ela.

Ele olhou na direção que eu apontava.

— Quando não dá para pegarmos o corpo com as mãos, usamos a pá.

Foi nessa hora que graciosamente vomitei. O prefeito de Diadema (como nem tínhamos chegado no pedágio, não podia cobrar do cara de Cubatão) deveria dar uma medalha de velocidade para o paramédico que conseguiu desviar do jato de vômito verde.

Obrigaram-me a deitar na maca e, pela primeira vez, não fiz nenhuma ceninha, só queria as drogas. Depois de o careca colocar qualquer coisa no soro, caí em um sono induzido, acordando de vem em quando. Meu corpo doía, minha mente estava um caos e tudo que eu queria era a minha mãe. Devo ter choramingado isso umas duas ou três no caminho do acidente até o hospital.

Chegando no centro médico, fui atendida, ou seja, cutucada, mexida, enfaixada, levada de um lugar ao outro e finalmente deixada em paz em um quarto branco. A cama ao lado estava vazia. Não por muito tempo. Mônica foi trazida minutos depois para ela.

— Como você está? – Ela me perguntou.

— O médico disse que tive sorte. – Olhei para o meu corpo coberto pelo lençol. – Uma luxação no pé esquerdo, vários hematomas, cortes para todos os lados, tive que levar alguns pontos aqui e ali, mas *tô* bem.

— O mesmo aqui, diferença foi que a luxação é no braço. – Mônica ergueu o braço e fez uma careta.

— Acabou, Mônica. – Olhei para o teto e vi as rachaduras. – Ele nunca mais vai te perseguir.

— Estou tão puta da vida com você. – Eu não esperava flores, mas quando Mônica começou a gritar, desejei morfina. – Primeiro você trai a minha confiança – Mônica ia voltar naquilo? –, depois se coloca na frente de uma arma e de um cara doido, e depois, que ceninha foi aquela de “atirar em mim”?

— Estava tentando livrar sua pele...

— Estava tentando se matar, isso sim. Você acha que eu ficaria contente com isso? – Os soluços dela preencheram o quarto. – Perder você me mataria, caramba!

— Eu não deixaria aquele louco te levar, você pode brigar à vontade comigo, mas eu teria feito tudo de novo. — Porra, como tudo doía e como eu queria mais remédio, onde estava a morfina quando precisávamos dela? Aliás, por que nos hospitais brasileiros não davam morfina? Eu queria ficar grogue e achar todo mundo bonito.

— Você é louca.

— Eu sou meio louca, não completamente, então me dá um desconto, caralho, salvei a porra das nossas vidas. — Ficamos uns minutos em silêncio somente com nossos pensamentos.

— Achei que você ia parar com os palavrões.

Virei para ela com a boca aberta.

— Pelo amor de Nossa Senhora da Bicicletinha, acho que mereço mandar tudo isso à merda. — Sorri para ela. — Você deveria tentar. Um bom foda-se é libertador. — E ali, no leito de hospital, duas amigas doidas começaram a falar todos os palavrões que conheciam.

A porta do nosso quarto se abriu, e o loiro, policial e *homão*, entrou por ela. Ele olhou para nós duas demoradamente. Lembrei do que Mônica falou e comecei a rir, um riso histérico, que logo passou de fofa para totalmente estranho. Finalmente a ficha caiu: porra, eu quase morri. Pela segunda vez, a porta se abriu e, por entre as lágrimas, eu vi um pontinho vermelho passando por ela.

Quim veio até mim e me abraçou. Senti o cheiro do perfume maravilhoso, e ele fez com que eu fosse me acalmando aos poucos. Quando vi, estava sentada na cama com Quim atrás de mim me abraçando. Olhei para ele e dei um sorriso fraco.

— O que é um pontinho vermelho ao lado de um preto em um espaço em branco? — Perguntei para ele, secando as lágrimas com o lençol.

— Eu não sei, minha Chay. — Quim doce era tão bom.

— Um quindim abraçando uma Chayzinha em um hospital. — Quim caiu na gargalhada, Mônica e mesmo o detetive riram da minha piada.

— Eu sei que vocês passaram por maus bocados... — O detetive começou a falar depois de pigarrear.

— Quem é você? — Quim perguntou enquanto brincava com uma das minhas tranças com sua mão boa.

— Ele é o detetive, que mais parece o 007, mas que a Mônica acha que é um *gogo boy*, Michael, da polícia do Estado de São Paulo. — Mônica olhou para mim, vermelha, e me prometeu que teria volta. Dei de ombros e falei sem emitir som um “faz o seu melhor”. Mônica me mostrou o dedo do meio.

— Eu sou o detetive designado para o caso Bruno. — Michael parou no meio das duas camas e olhou atentamente para Mônica. — Qual o seu envolvimento com ele?

— Atualmente nenhum. — Com algum esforço Mônica se colocou sentada. — Ele é meu ex-namorado há algum tempo. Eu consegui uma ordem de restrição três anos atrás, e por isso ele sumiu do mapa, nunca mais o vi.

— Como era o seu relacionamento com ele?

Mônica abaixou a cabeça e olhou para as mãos. Demorou vários segundos antes de voltar a falar. Sabia como estava sendo difícil para ela esse momento.

— Hoje eu vejo que estava em um relacionamento abusivo, mas na época demorei a perceber. — Mônica deu de ombros como se aquilo não importasse, mas a verdade era que importava muito. — Depois da ordem de restrição, ele me deixou em paz, até este mês começar a mandar presentes novamente.

— Quais foram os presentes? – O olhar de Michael era totalmente voltado para Mônica, e eu senti que tinha algo ali. Cutuquei Quim, apontei o loiro e dei um sorrisinho para ele, que revirou os olhos para mim. Homens. Não entendem nada.

— Papel de carta e canetas coloridas, flores azuis e livros...

— Uma coleção de luxo chata de qualquer livro histórico aí. – Completei por ela.

— Jane Austen não é chata. Só não é como todos seus livros com zumbis e mortes. – Ela mostrou a língua.

— Zumbis são um clássico, tudo fica melhor com zumbis. – Defendi meus queridos.

— Queria ver o que você ia fazer se um zumbi aparecesse depois do acidente. – Ela apontou para o meu pé. – Com esse pé desse jeito...

— Posso interromper? – Michael olhava de uma para outra.

— Cara, quando essas duas começam... – Quim deu uma risada. – Acho melhor você sair e buscar dois bolinhos de chocolate para elas ficarem quietas e responderem o que você quer.

— Não seja maldoso, meu amor. – Dei um beliscão no braço dele.

— Por que esses presentes específicos? – Michael perguntou.

— São coisas que eu gosto e que ele um dia destruiu, por achar que eu gastava mais tempo com elas do que com ele.

— Você ainda tem os presentes? – Michael perguntou.

— Não... – Mônica começou a dizer.

— Sim. – Eu a cortei. – Eu ainda tenho os livros chatos no laboratório.

— Por quê? – Mônica quase gritou.

— Você ama aqueles livros, era uma coleção luxuosa, então eu guardei. – Dei de ombros. – Talvez conseguisse trocar eles por outra coleção qualquer e te dar de presente, ou então usar como peso de papel.

— Conversaremos sobre isso depois. – Mônica me prometeu. Fiz Quim me abraçar mais, sabia que viria outro longo discurso.

Nossa, me senti como se tivesse levado bronca da minha mãe.

— Eu vou precisar ver os livros. – Olhei para Michael sem entender, meus anos de CSI vieram a calhar.

— Por que? – Indaguei. – O caso era de perseguição, o cara virou hambúrguer, então por quê?

— Bruno estava envolvido em outras coisas, e é isso que estou investigando. – Olhei bem para o 007.

— Está em minha sala. – Cocei os olhos, as drogas estavam fazendo efeito. Bocejei. – Amanhã eu posso...

— Você não vai fazer nada. – Quim me deu um beijo no topo da cabeça. – Detetive, vou mandar recado para o meu chefe e o senhor terá acesso a tudo que quiser. – Quim saiu de trás de mim. – Agora, as mocinhas vão dormir e descansar. – Fiz biquinho, e ele me deu um beijo carinhoso nos lábios.

Os rapazes se despediram de nós e saíram do quarto, apagando a luz. Eu me ajeitei na cama e fiquei olhando, sonolenta, para o teto.

— Você me perdoa? – Perguntei.

— Eu ainda estou puta da vida com você. – Mônica respondeu. – Salvar a minha vida meio que ajudou, mas ainda estou muito chateada com você.

— Eu sei... — O meu discurso ensaiado morreu quando o sono veio.



CAPÍTULO 16

Ficar de cama é um saco. Pior que isso é ficar de cama na casa da sua mãe, a milhões de quilômetros de distância do seu *crush*. Como Quim e eu estávamos quebrados, eu sem poder andar, e ele sem mobilidade na mão, tivemos que ser cuidados por nossas mães.

Trocamos mensagens, ligamos, fizemos chamadas pelo Skype e tudo mais todos os dias. Estávamos parecendo um casal de adolescente apaixonados. Mas isso foi bom, conhecemos melhor nossos gostos por música, filmes, livros, viagens, enfim, tudo. Eu teria que ceder no quesito música, e ele teria que ceder na parte de filmes, mas, fora isso, não teríamos grandes problemas.

Mônica foi outra história. A bichinha, quando queria ser teimosa, conseguia. Demorou um século mais um caminhão de mensagens para ela voltar a falar normalmente comigo. Ficamos os três quinze dias de molho em casa e finalmente estávamos voltando das nossas férias obrigadas naquele dia. Eu estava morrendo de vontade de abraçar a louca, e isso queria dizer algo, já que não gosto de abraços.

Como sempre, saí atrasada de casa, peguei o metrô cheio, briguei com um cara que estava sentado no lugar de idoso e não queria sair para uma senhorinha sentar. Já que estava atrasada, passei na Starbucks e peguei três *moccas* e três bolinhos, dois de chocolate e um de morango, porque o senhor “eu tenho o cabelo de fogo” não ia muito com a cara do chocolate. Sério, eu não deveria confiar no Quim, alguém que não gosta de chocolate

não podia ser confiável. Chegando no prédio, óbvio que me atrapalhei com a catraca e finalmente entrei no elevador.

— Primeiro dia de volta ao trabalho, e já está atrasada, Charlene?
— Ouvir aquela voz grossa pelo telefone não era nada comparado a ouvi-la pessoalmente no pé da sua orelha em um elevador, seguida de mãos fortes me abraçando por trás.

— Bom dia para o senhor também. — Resmunguei mais por hábito do que por raiva. — Como tem passado? Dormiu bem? Eu dormi maravilhosamente bem, se você quer saber.

Quim Gargalhou.

— Bom dia, minha *enfezadinha*. — Respondeu e me deu um beijo no pé da orelha. — Não marque nada para o almoço.

— Por quê? — Sentir aquele toque na minha pele me deu um arrepio gostoso.

— Teremos um almoço executivo. — A porta do elevador abriu, e ele saiu e a segurou para mim.

— Espera. — Pedi ao parar na porta de entrada do nosso andar enquanto ele passava o crachá para entrarmos. — O que você quer dizer com “teremos um almoço executivo”?

— Use a imaginação, Charlene. — Ele caminhou pelo corredor que separava as baias.

— Olha que a minha imaginação é bem fértil. — Olhei para a bunda dele no jeans escuro. A vontade de apertar estava me corroendo. Espera, Quindim de jeans! Ai, minha Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, o homem queria me enlouquecer.

— E eu gosto dela. — Quim olhou para trás e sorriu.

— Certo. — Mostrei a língua para ele. — Vou pensar em um monte de coisas. — Em especial, que vou ter que morrer em uma fortuna para

conseguir uma depilação imediatamente. Céus! Como eu não lembro qual foi a calcinha que eu coloquei?

— Um destes cafés é para mim? — Ele parou perto da mesa de Mônica. Balancei a cabeça, afirmando, e ele pegou um copo. — Bom dia, Mônica, vou precisar dos relatórios dos últimos vinte dias.

— Já estou providenciando, bom dia. — Mônica ficou nos olhando de maneira estranha.

— Tem bolinho também. — Deixei os cafés em cima da mesa de Mônica e alcancei Quim antes que entrasse na sala. Ele olhou para o saco e depois para mim. Pegou o primeiro e me deu um selinho.

— Obrigado, querida. — E me deixou sem ação na porta da sala. Quim acabou de oficializar o nosso rolo na frente de mais de metade da empresa?

— Vem, Chay. — Mônica pegou em minha mão e quase me arrastou para a cozinha. — Acho que você está precisando de uma dose extra de açúcar.

— Você viu o que eu vi? — Perguntei, boba para ela. — Ele me beijou na frente de todos e me chamou de querida.

— Sim, eu vi. — Mônica colocou açúcar nos dois cafés, mexeu e me entregou um. — Agora beba. — Peguei o copo e bebi o líquido quente, que desceu rasgando. — Vocês ainda não conversaram sobre o status de relacionamento de vocês?

— Ainda não. — Tracei com o dedo o meu nome escrito no copo. — Ele não tocou no assunto, conversamos sobre tudo nesse tempo, mas não sobre isso.

— E por que você não toca?

— É mesmo... — Só porque eu sou mulher, não queria dizer que teria que esperar por ele. — Hoje, no almoço executivo, vou pedir para ele.

— Almoço executivo? – Balancei a cabeça confirmando. – Tipo, o almoço executivo, ou só uma reunião entre colegas?

— Eu não sei. – Joguei as mãos para cima. – Ele disse para eu imaginar o que significaria isso.

— Jesus. – Mônica balançou a cabeça e começou a rir. – Vocês dois.

A porta foi aberta, e por ela passou o *Duuu*.

— Bom dia, meninas.

— Bom dia, *Duuu*. – Respondemos. O cara pegou um café na garrafa térmica da sala e saiu. Claro, antes disso, deu uma bela de uma secada na Mônica.

— E aí? Esse enrolo tem jeito? – Perguntei para ela.

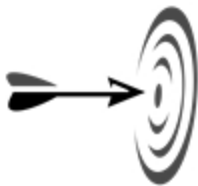
— Não sei. – Mônica desviou o olhar para o café. – Nós conversamos bastante ontem. – Eu tinha esquecido que ela voltara dois dias antes para o trabalho. – Eu contei para ele mais ou menos a história de Bruno e avisei que, no momento, não estava muito a fim de um relacionamento.

— E? – Quase caí da cadeira, na ânsia de chegar mais perto dela.

— E nada. Podemos trocar um ou outro beijo por aí, sair, às vezes, mas não vou entrar em um relacionamento. – Olhei bem para minha amiga e dei de ombros, iria apoiá-la na decisão que tomasse, mas claro que antes faria a advogada do diabo para que ela tivesse a certeza absoluta da decisão e não se arrependesse depois. – Ele não gostou muito, porém aceitou.

— Acho bom. – Estalei os dedos da mão. – Ainda não bati em ninguém.

— Você é tão violenta. – Nós duas gargalhamos.



Consegui uma depilação em cima da hora, felizmente estava com um conjunto azul de renda fofo que tinha ganhado da Mônica e consegui ficar pronta ao meio-dia, horário em que Quim veio no meu cafofo me buscar para o tal do almoço, que realmente era executivo. Nós nos reunimos para discutir a expansão do escritório. No encontro estavam o dono da empresa, seu filho e mais outros dois. Eu finalmente teria uma equipe, seria a chefe da coisa toda e eles iriam me contratar, não seria mais uma terceirizada, seria aberta uma filial, pois essa não estava mais suportando o volume de clientes.

Apesar da notícia, estava um pouco desapontada pelo almoço executivo não ser aquilo que eu estava imaginando, ou seja, ter um Quim nu debaixo de mim, ou em cima. Para mim, tanto faz, o importante era estarmos tão conectados quanto seria possível.

— Reserva no nome de Joaquim. — Estava tão absorvida em meus pensamentos que não notei para onde estávamos indo depois que entrei no carro com ele. Quando olhei ao redor, vi que entrávamos em um dos melhores e mais caros hotéis da região. Quim pegou a chave da mão da recepcionista e guiou o carro até a vaga indicada. — Quero só ver como anda essa sua imaginação.

O carro foi tomado pelo som da minha gargalhada espalhafatosa. Quim parou o carro e tirou o cinto de segurança, tomou meu rosto em suas mãos e me olhou profundamente.

— Você me trouxe para um completo almoço executivo? — Perguntei enquanto esfregava o meu rosto em suas mãos.

— Sim, senhora, está mais do que na hora de eu ter você inteirinha. — Quim me beijou com vontade, como se fosse um homem sedento no meio do deserto e eu fosse a sua única fonte de alimento.

Explorou a minha boca enquanto suas grandes mãos geladas se enfiavam dentro de minha blusa. Senti um arrepio com o contraste da temperatura, a dele fria e a minha, quente. Soltei um longo gemido contra sua boca. Ele mordeu o meu lábio inferior, e eu senti um choque nos países baixos.

— Quim... — minha voz saiu como um lamento, queria mais, precisava de mais. De contato pele a pele, aquele monte de roupas só estava atrapalhando. Comecei a desabotoar sua camisa com urgência.

— Calma, minha pequena. — Quim segurou as minhas mãos. — Preparei umas surpresas para você. — Fiz beicinho quando ele me largou, saiu do carro, dando a volta, parou ao lado da porta do passageiro e a abriu. Como um cavaleiro, me deu a mão para sair, e é claro que eu tinha que me atrapalhar com o cinto, minhas mãos tremiam, a fivela idiota não queria abrir. — Deixa que eu faço isso.

Ele me levou para o quarto reservado. Quando entrei, fiquei parada por uns instantes, vendo a graciosidade do lugar. Uma grande cama oval ocupava o centro do lugar, do seu lado, uma banheira branca, o chão acarpetado tinha várias pétalas de flores espalhadas por todos os lugares. Havia uma mesinha com champanhe e morangos cobertos com chocolate. Em um outro móvel, vi algumas bandejas com outros tipos de comidas.

— Gostou, minha pequena? — Quim me perguntou ao me apertar em seus braços.



CAPÍTULO 17

Dei mais uma olhada para o quarto todo e depois me virei em seus braços.

— Só você mesmo para me chamar de pequena. – Dei um beijo em seu peito e mirei seus olhos claros. – Eu amei tudo. Nunca ninguém fez nada assim para mim. – Quim sorriu, não um pequeno sorriso, curvando os lábios para cima, o que se tornou seu habitual, mas sim um verdadeiro, daqueles que vemos em comerciais da Colgate, mostrando todos os dentes.

— Quero que hoje seja muito especial para nós, pois vai marcar uma data importante em nosso relacionamento. – Comecei a pular igual uma garotinha internamente, finalmente teríamos um status, mas tentei transparecer que tudo não passava de um dia comum.

Quim me levou até próximo da banheira. Ligou as torneiras e testou a temperatura da água. Quando se deu por satisfeito, sentou na beirada e me atraiu para perto dele. Naquele momento, gostaria de estar usando um lindo vestido igual aquelas mulheres magrelas usam na Paulista, com meia-calça e sapatos delicados e altos, que te fazem perguntar como elas não caem de toda aquela altura absurda. Mas não, eu tinha que estar com os meus costumeiros jeans, tênis e camiseta de alguma banda. Dei de ombros mentalmente, pois pelo menos a lingerie era bonita. Outra, ele me conheceu assim, então teria que se contentar.

Meu ruivo começou por meus tênis horríveis e ortopédicos, o tornozelo não estava muito bom ainda. Teria que começar fisioterapia em breve... Meus pensamentos foram interrompidos pela gargalhada de Quim. Olhei para baixo e notei que ele estava admirando minhas meias.

— Minions? – Ele me perguntou.

— Não sei se fico mais surpresa por você saber o que é ou por você ainda não ter se acostumado que eu sou uma nerd que ama desenhos. – Mostrei a língua para ele e mais uma vez desejei ter me preparado melhor para nossa primeira vez (o banho de esponja não conta).

— Você é uma complexa mulher de mil faces, e estou amando conhecer todas elas, pois compõem a incrível pessoa que você é.

Dito isso, ele mandou os Minions embora junto com a calça jeans e a blusa do Nirvana. Fiquei em sua frente somente de calcinha e sutiã rendado. Ele me olhou de cima a baixo bem lentamente, e eu sentia que seu olhar acariciava a minha pele.

— Você é linda, sabia?

— Eu me sinto linda quando você olha para mim assim. – Levei meus dedos ao cabelo vermelho dele e o acariciei.

Quim começou a tirar as últimas peças do meu vestuário. Ele levantou e me ajudou a entrar na banheira, onde antes tinha colocado sais de banho perfumados.

Fiquei o olhando retirar as próprias roupas. Quim era lindo, o corpo perfeito de uma pessoa que fazia exercícios regularmente, mas não como aqueles caras aficionados por academia. Sabia que ele gostava de jogar bola nos finais de semana ou correr de vez em quando. Ele era, verdadeiramente, uma daquelas pessoas que falamos serem magras de ruim, pois o bichinho comia com vontade. Eu até já tinha pedido a ele um casal de solitárias quando a dele desse cria.

— O que a mocinha está pensando? – Quim me perguntou ao sentar atrás de mim e começar a colocar minhas tranças dentro da touca de banho.

— Estou admirando sua beleza. – Ele terminou seu trabalho e virou o meu rosto, pegando meus lábios em seguida e me dando um beijo gostoso. – Mais. – Pedi quando terminamos. Sorriu e balançou a cabeça em negativa. Meu ruivo pegou uma esponja nova, colocou uma grande quantidade de sabonete nela e em seguida foi me lavando. Não preciso dizer que, quando terminou, eu estava prestes a gozar ali mesmo. Fiquei de joelhos na banheira e dei o mesmo tratamento em seu corpo, porém o pequeno tratante ficava me distraindo com seus beijos quentes. No final, saímos da banheira, pois a água esfriou, e nos revezamos em secar um ao outro. Em seguida, ele me levou para a cama oval, e ali as coisas pegaram fogo.

Começamos com um sexo urgente, nada de preliminares – a não ser que você conte o tempo de banheira como preliminar. Aos poucos, o quarto foi inundado com o barulho de nossas respirações ofegantes, da carne batendo contra carne, da cama gemendo. Uma loucura completa, rápido, intenso e gostoso.

Depois de passar a urgência, veio a calma, e o sexo foi substituído pelo amor. Rimos e brincamos um com o outro, comemos os morangos, bebemos a champanhe, saciamos corpos e almas.

— Casa comigo? – Perguntei. Estávamos deitados na cama. Quim brincando com as minhas trancinhas, e eu fazendo pequenos círculos em seu peito.

— Como? – Quim sentou com tudo na cama e arregalou os olhos para mim. – Você está falando sério?

— Casa comigo? – Perguntei novamente, também sentando e enrolando o lençol em volta do meu corpo.

— Não. – Por essa, eu não esperava. Baixei o meu rosto para o lençol de cetim, desejando pela milionésima vez que minha boca e meu

cérebro tivessem conversado antes. O que eu estava achando? Se ele quisesse algo comigo, já tinha pedido, não é? Claro que era só mais uma transa. Aposto que ele só fez isso porque estava em dívida comigo, afinal, eu salvei a vida dele, né? – Charlene? – Ele levantou o meu rosto, e eu virei com tudo. Se eu olhasse para ele, me desmancharia em lágrimas.

— Tudo bem, é cedo para isso, não é? – Dei uma risadinha que mais pareceu um chiado. Quim me puxou para seu colo. – Nem somos namorados ou coisa parecida.

— Não vou aceitar o seu pedido, porque sou eu quem vai fazer. – Aquilo não fazia sentindo nenhum. Parei de me remexer em seu colo e olhei para ele. – Nós vamos casar, porém sou eu quem vai fazer o pedido. – Quim repetiu.

— E por que não posso fazer o pedido? – Cruzei meus braços e o encarei.

— Porque isso é coisa de homem...

— Não seja machista, quindim. – Apertei as bochechas dele. Olhei bem para os seus olhos e vi sua expressão grave. Aquilo era importante para ele. – Tudo bem, você pede, mas o tema do casamento, eu escolho. – Ele me deu um lindo sorriso, e eu estava começando a amar aqueles sorrisos dele.

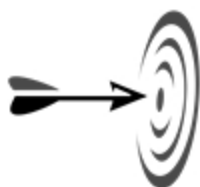
Quim saiu da cama e foi até a mesa onde estava a comida que nem tínhamos prestado atenção até aquele momento. De uma das travessas cobertas, ele pegou algo. Voltou e se ajoelhou no chão ao lado da cama.

— Quer casar comigo, Charlene?

Ele abriu a caixinha preta de veludo, e pude ver um anel de noivado de prata com uma pedra em formato de coração. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto em toda a minha vida. E eu iria chorar mesmo. Olhei para o teto, para que as lágrimas traiçoeiras não se derramassem em meu rosto.

— Eu não sei. — Bati o meu dedo no canto da boca. — Será que eu devo?

— Sério, Charlene? — Vi Quim revirar os olhos e puxar a minha mão para a dele. Ele colocou o anel em meu dedo e soltou em seguida. Olhei para os meus dedos e vi aquela lindeza. Não resisti, pulei em seus braços e fomos os dois para o chão. Comecei a dar um monte de beijinhos nele enquanto dizia sim, várias e várias vezes.



— Você já tem a ideia do tema do nosso casamento? — Quim me perguntou quando estávamos saindo do quarto na manhã seguinte, depois de um delicioso café da manhã e mais um banho de banheira — não era todo dia que tínhamos uma banheira para usar, né?

— Sim, sim. — Dei o meu melhor sorriso de *anja* que sou.

— E qual seria ele? — O olhar desconfiado dele era muito fofo. Caminhei até Quim, fiquei nas pontas dos pés e dei um beijinho em seus lábios.

— Harry Potter. — Sussurrei em seu ouvido enquanto dava uma leve apertada em seu pau.

— Como é que é? — Quim quase gritou.

— Você ouviu bem. — Comecei a dançar Despacito na frente dele, ou pelo menos uma versão Chay. — Você preferiu fazer o pedido, e eu fiquei com o tema. Vai ficar uma graça de uniforme de Hogwarts. — Apertei a bochecha dele. — Um lindo Weasley. — Gargalhei enquanto finalizei minha incrível performance da música porto-riquenha.

Fim, ou não, talvez sim, claro que não. Ainda tem o casamento.

Não percam o próximo capítulo desta história: o casamento de Chay e Quim ao som de *Despacito*.

Beijos da Chay, uma garota meio louca.



FIM